

**GOVERNO DO ESTADO DO MARANHÃO**  
**SECRETARIA DE ESTADO DO PLANEJAMENTO E ORÇAMENTO – SEPLAN**  
**INSTITUTO MARANHENSE DE ESTUDOS SOCIOECONÔMICOS E CARTOGRÁFICOS – IMESC**



**NOTA DE  
CONJUNTURA  
DO MARANHÃO**

**Março de 2013**



# Nota de Conjuntura Econômica – Março 2013

## Desempenho dos principais Indicadores Econômicos em 2012 Parte I

### CENÁRIO NACIONAL

#### Produto Interno Bruto

##### O PIB encerra 2012 abaixo de 1%

As contas nacionais trimestrais, calculadas pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE, indicam que no terceiro trimestre de 2012 o Produto Interno Bruto - PIB registrou crescimento de +0,6% em comparação trimestre imediatamente anterior (ajustado sazonalmente) e +1,4% em relação ao mesmo período de 2011. Nos últimos 12 meses, ou seja, nos quatro trimestres de 2012 contra os quatro trimestres de 2011, o PIB a preços correntes obteve expansão de +0,9%, alcançando R\$ 4,4 trilhões e o PIB per capita cresceu 0,1% somando R\$ 22.402. Pela Ótica da Oferta, a contribuição mais importante foi dada pelo setor de Serviços com expansão de 1,7%. Esse resultado foi propiciado pelo crescimento de 3,7% nos Serviços de Informação e pelo incremento de 2,8% na Administração, Saúde e Educação Pública. Por outro lado, a Indústria Geral recuou -0,8% influenciada pelo desempenho negativo das Indústrias de Transformação e Extrativa Mineral.

Pela Ótica da Demanda, o maior impulso veio da elevação no Consumo do Governo que ficou 3,2% acima do apresentado no ano anterior, pois enquanto a Despesa Total do ente governamental recuou -1,5% naquele período, em 2012 a expansão dessa rubrica foi de 2,7%.

A Tabela 1 apresenta o PIB Trimestral pelas óticas da Oferta e da Demanda. Pela ótica da Oferta observam-se os Setores da Agropecuária, Indústria e Serviços. No primeiro setor era possível perceber o caminho difícil a ser percorrido ainda no 1º tri/12, pois a queda de 7,4% exigia grandes esforços a fim de tornar positivo o resultado fechado do ano. O que se seguiu foram tímidos incrementos nos dois trimestres seguintes, rompidos pela queda de -5,5% no 4º tri/12.

A Indústria, logo no 1º tri/12, se mostrou incapaz de reagir aos estímulos vindos do governo federal, tais como desonerações tributárias e injeção de recursos pelo BNDES. Ao longo do ano o setor foi impactado fortemente pelo mau desempenho das Indústrias de Transformação e Extrativa Mineral, encerrando o ano com recuo de -0,8%.

**Tabela 1 – Produto Interno Bruto Trimestral – Composição do Crescimento (%)**

PIB Trimestral	Período de compração				
	Trimestres 2012*				2012/ 2011
	1º	2º	3º	4º	
<b>Ótica da Oferta</b>					
Agropecuária	-7,4	1,6	2,3	-5,5	-2,3
Indústria	0,0	-2,4	-0,9	0,1	-0,8
Extrativa mineral	2,1	-1,6	-2,7	-2,1	-1,1
Transformação	-2,4	-5,4	-1,9	-0,3	-2,5
Construção civil	3,1	1,5	1,3	-0,1	1,4
SIUP	3,8	4,1	2,2	4,2	3,6
Serviços	1,6	1,4	1,4	2,2	1,7
Comércio	1,4	0,1	1,4	1,1	1,0
Transporte, armazenagem e correio	1,0	-0,5	-0,5	2,0	0,5
Serviços de informação	4,1	2,5	3,4	4,9	3,7
Inter. Fin., seg., prev. Com. e serv. Rel.	0,8	1,5	-0,7	0,7	0,6
Outros serviços	0,6	0,9	1,9	3,8	1,8
Atividades imobiliárias e aluguéis	1,2	1,4	1,5	1,3	1,3
Adm., saúde e educ.púb.	2,8	3,1	2,8	2,6	2,8
Valor adicionado a preços básicos	0,6	0,4	0,8	1,2	0,7
<b>PIB a preços de mercado</b>	<b>0,7</b>	<b>0,4</b>	<b>0,9</b>	<b>1,4</b>	<b>0,9</b>
<b>Ótica da Demanda</b>					
Consumo das famílias	2,4	2,4	3,5	3,8	3,1
Consumo do governo	3,3	2,7	3,3	3,5	3,2
FBKF	-2,0	-3,7	-5,6	-4,4	-4,0
Exportação	6,0	-2,3	-3,5	2,0	0,5
Importação	6,3	1,2	-6,1	0,4	0,4

Fonte: IBGE \*contra igual trimestre do ano anterior

No que tange ao setor de Serviços, este sim, conseguiu sustentar a atividade econômica ao longo dos

quatro trimestres, tendo os Serviços de Informação com expansões regulares, acima de 3,0%, exceto no 2º tri/12 cujo incremento foi de 2,5%. Percebe-se também que a Administração Pública cresceu com certa regularidade, por mais que tenha ocorrido uma desaceleração nos dois últimos trimestres.

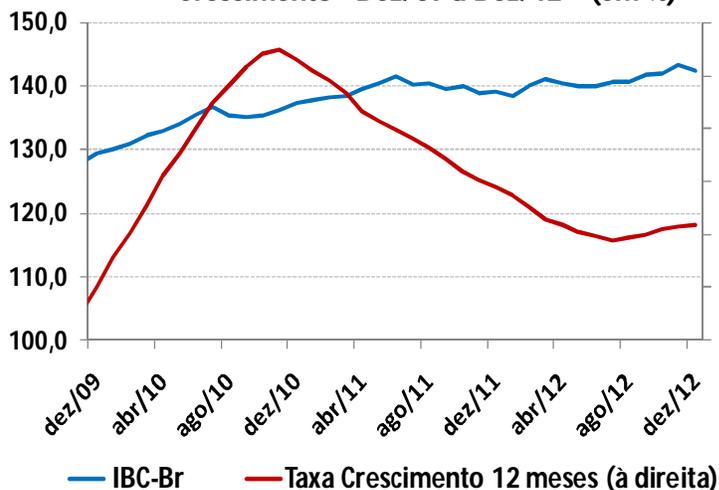
A análise por categoria de Despesas (ou Ótica da Demanda) mostra elevada queda na Formação Bruta de Capital Fixo e uma estagnação nas exportações, que no ano cresceram apenas +0,5%. O resultado da FBKF evidencia a queda de 12,3% na produção de Bens de Capital e a acentuada desconfiança do empresariado no setor industrial. Por outro lado, o Consumo do Governo apresentou taxas de crescimento superiores a 2011, destacando-se como a categoria com a maior influência positiva no resultado de 2012.

## Índice de Atividade Econômica do Banco Central

### IBC-Br dos últimos 12 meses se mantém em aproximadamente de 1,0%

O Índice de Atividade Econômica do Banco Central (IBC-Br), com ajuste sazonal, criado para antecipar a tendência do Produto Interno Bruto (PIB), cresceu +0,26% em dezembro de 2012, desacelerando frente ao mês imediatamente anterior, que registrou expansão de 0,57%. Na comparação com o mesmo mês do ano anterior, o indicador expandiu-se em +2,1%, taxa abaixo da registrada no último trimestre que foi de 2,6%.

**Gráfico 1 – IBC-Br com Ajuste Sazonal e Taxa de Crescimento - Dez/09 a Dez/12 – (em %)**



Fonte: BACEN

O Gráfico 1 exhibe o comportamento do IBC-Br de Dez/09 a Dez/12, considerando os ajustes sazonais. Nota-se que a taxa de crescimento em 12 meses continuou na trajetória desaceleracionista, iniciada em dez/10, sendo que a partir de set/12 o indicador voltou a registrar tímidos incrementos e repousou a taxa de crescimento de 2012 em 1,3%. Por mais que os registros do IBC-Br tenham se mostrado acima dos reais dados do PIB, que para o ano de 2012 foi de 0,9%, percebe-se que existe uma forte relação entre esses dois indicadores.

## Produção Física Industrial

### A Produção Industrial encerrou 2012 com recuo de 2,8%

A Pesquisa Industrial Mensal - Produção Física (PIM-PF), realizada pelo IBGE no âmbito nacional referente ao ano de 2012, registrou queda de -2,8% na Indústria Geral na comparação com o ano anterior. Os maiores impactos advieram da Indústria de Transformação cujo crescimento ao longo de sete dos doze meses de 2012 foi abaixo de zero, encerrando o ano com recuo de -3,0%. No mesmo horizonte, influenciada pela queda na extração de *Minerais metálicos ferrosos e não-ferrosos*, a Indústria Extrativa registrou queda de 0,4%.

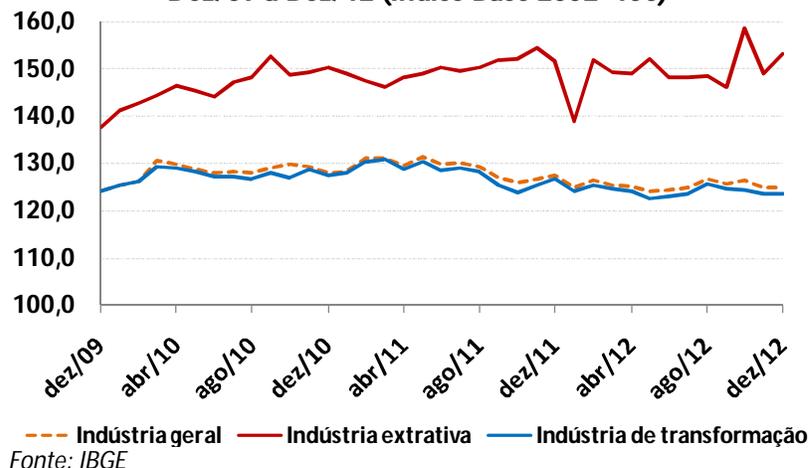
No que tange a Indústria de Transformação, 16 dos 26 ramos de atividades encerraram o ano no vermelho. Dentre os segmentos com maiores perdas, destacam-se: *Material eletrônico, aparelhos e equipamentos de comunicações* (14,1%); *Máquinas para escritório e equipamentos de informática* (14,0%) e *Veículos Automotores* (13,4%). Por outro lado, os segmentos produtores de *Madeira* (8,6%), *Outros Equipamentos de Transporte* (8,2%) e *Refino de Petróleo e Alcool* (4,1%) obtiveram os melhores desempenhos dentre os dez ramos de atividade que apresentaram resultado positivo.

De certa forma, quando se analisa a geografia da produção industrial, percebe-se que dos treze estados onde a pesquisa é aplicada, somente os estados de Goiás, Bahia, Recife e Minas Gerais obtiveram expansão

na produção. No primeiro, os segmentos determinantes foram os de *Minerais não Metálicos* e o de *Metalurgia Básica*, enquanto que o resultado do segundo foi determinado pelo bom desempenho dos segmentos de *Borracha e Plástico* e dos *Produtos Químicos*. Entretanto, o encolhimento da produção dos outros estados exerceu elevada influência sobre o resultado da Indústria Geral, com destaque para o Amazonas, Espírito Santo e Rio de Janeiro. Este último registrou recuo de 35,5% no segmento de *Veículos Automotores* e 14,0% no segmento de *Têxtil*.

O **Gráfico 2** exibe a Evolução da Produção Industrial Nacional de dez/09 a dez/12. Nota-se que entre mar/10 e jul/11, o bom desempenho da Indústria de Transformação situou o Índice Geral em 130,0 (média com base em 2002=100), no entanto nos meses seguintes os resultados refletiram a desaceleração dessa indústria, levando o índice para um patamar abaixo de 125,0 (média).

**Gráfico 2 – Evolução da Produção Física Industrial no Brasil Dez/09 a Dez/12 (Índice Base 2002=100)**



Em relação à Indústria Extrativa, esta apresentou atipicidade nos meses de jan/12 e nov/12. com recuo de 8,5% em relação a dez/11 e em nov/12 recuou 8,6%, em relação ao mês imediatamente anterior. Nos dois casos o índice desse setor retornou para o patamar original, 150,0 (média).

Dentre as Categorias de Uso, todas encerraram o ano com crescimento abaixo de zero, sendo que as de Bens de Capital (-12,3%) e de Bens de Consumo Duráveis (-4,1%) registraram os piores resultados. A primeira categoria teve influência direta da queda de -23,1% nos bens de capital para *Construção* e do recuo de -13,4% nos bens para *Transporte*. A segunda, apesar da política de desoneração tributária, que permitiu o crescimento de 12,0% ao subsetor de *Linha branca*, teve reflexos da contração de -21,1% na produção de *Telefones Celulares* e de -20,8% em *Outros Equipamentos de Transportes Duráveis*. A categoria de Bens Intermediários, por sua vez, recebeu pressões negativas dos subsetores de *Veículo Automotores* e de *Têxtil*, registrando queda de 1,9% mesmo com a expansão em 20,8% da produção de *Defensivos Agrícolas*. Por fim, o segmento de Vestuário e os subsetores de *Abate de Aves* e de *Calçados* contribuíram fortemente para o recuo de -0,5% nos Bens Semiduráveis e não duráveis.

**Tabela 1 – Crescimento da PIM – PF (2011 e 2012) e Desempenho Trimestral em 2012, por Categorias de Uso (%)**

Categoria de uso	% Cresc.		Desempenho nos Trimestres de 2012*			
	11/10	12/11	1°	2°	3°	4°
<b>Geral</b>	<b>0,4</b>	<b>-2,8</b>	<b>-3,5</b>	<b>-4,6</b>	<b>-3,7</b>	<b>-3,7</b>
Bens de capital	3,6	-12,3	-14,9	-12,4	-12,5	-13,4
Bens intermediários	0,3	-1,9	-2,3	-3,2	-2,4	-2,5
Bens de consumo	-0,3	-1,2	-2,5	-4,1	-2,5	-0,9
Bens de consumo duráveis	-1,7	-4,1	-13,1	-10,8	-5,2	-2,5
Semi-duráveis e não duráveis	0,2	-0,5	0,1	-2,4	-1,8	-0,1

Fonte: IBGE \* Contra igual trimestre do ano anterior

A **Tabela 1** exibe, por Categoria de Uso, o crescimento da Produção Física Industrial do Brasil nos últimos dois anos e o desempenho em cada trimestre para 2012. Nota-se que nos dois primeiros trimestres do ano, as perdas, em relação a 2011, foram superiores as ocorridas nos dois últimos trimestres.

Isso significa que as políticas pontuais de desoneração de tributos e desvalorização cambial exerceram impactos positivos nas decisões de produção, mas não foram suficientes para modificar a tendência de

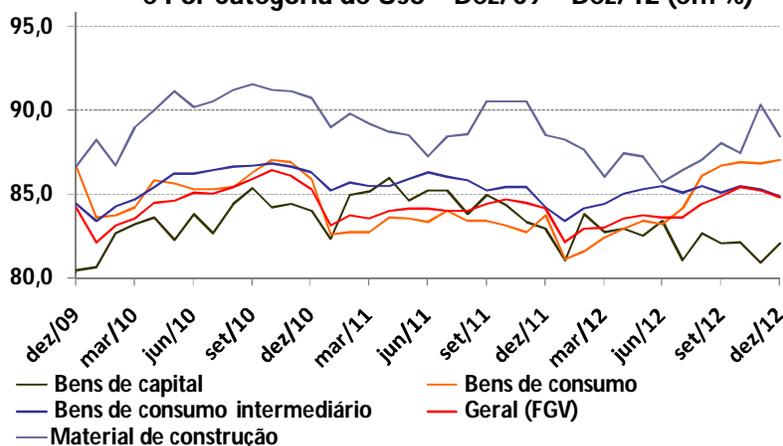
queda na indústria agregada.

**Utilização Média da Capacidade Instalada alcançou 84,8% em 2012**

A Utilização Média da Capacidade Instalada Industrial (UCI), medida pela Fundação Getúlio Vargas (FGV), alcançou 84,8% de seu total em dezembro de 2012, apresentando uma expansão de 3,3% em relação a dezembro de 2011. Quando se analisa o comportamento dos últimos meses de 2012, percebe-se que ocorreu um decréscimo em dezembro, pois a média nos meses de outubro e novembro ultrapassou 85,0% da capacidade instalada.

Em relação ao ano anterior houve recuo de 1,0% no indicador, puxado pelo setor de *Bem de Capital* - explicado pelo recuo na produção desses bens - e pelo setor de *Material de Construção* - em grande parte devido ao arrefecimento da construção civil. Dentre os gêneros industriais, a *Mecânica* (-2,4) e *Têxtil* (-1,7) apresentaram as maiores variações negativas. Em contrapartida, os setores de *Produtos Farmacêuticos* e *Veterinários*, assim como os de *Vestuário*, *Calçados* e *Artigos de Tecidos* aumentaram a utilização de suas capacidades em, respectivamente, 10,8% e 4,2%.

**Gráfico 3 - Utilização da Capacidade Instalada Industrial – Geral e Por Categoria de Uso – Dez/09 – Dez/12 (em %)**



O Gráfico 3 mostra a partir de out/12, a Indústria Geral começou a extrapolar o nível de capacidade ideal para produção (85%), passando a utilizar seu nível de capacidade ociosa planejada. Esse movimento aconteceu, principalmente, no setor de Material de Construção, Bens de Consumo Intermediário e Bens de Consumo.

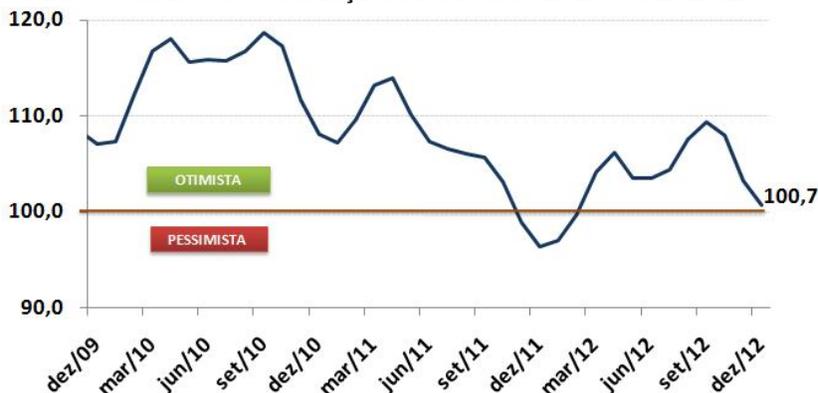
Fonte: FGV

**Índice de Confiança Industrial recua para patamares semelhantes aos do início de 2012**

O Índice de Confiança da Indústria - ICI recuou 2,4% em dezembro de 2012, assemelhando-se a pontuação do início do ano (97 pontos). Em doze meses, a queda atingiu o percentual de 2,4%, sendo que, a partir do mês de setembro instalou-se um cenário de contínuas quedas de otimismo no setor industrial, saindo do patamar de 109,3 pontos para 100,7 pontos no último mês do ano. Tanto o Índice de Situação Atual – ISA quanto o Índice de Expectativas – IE, obtiveram o mesmo desempenho, sendo que este último alcançou um pouco menos de 94 pontos.

O Gráfico 4 mostra a confiança industrial de dez/09 a dez/12. Nota-se que em 2010 a confiança média da indústria ultrapassou 110 pontos, rompida pelos anos subseqüentes, nos quais o nível pessimista acentuou-se fortemente.

**Gráfico 4 - Índice de Confiança da Indústria – Dez/09 a Dez/12**



Fonte: FGV

Em janeiro de 2012 o ICI se situou, exatamente, em 97 pontos, enquanto no mesmo mês de 2011

ultrapassou os 107 pontos, reflexo do vigoroso desempenho da economia em 2010 e das altas perspectivas para o ano que se iniciava. Através de uma comparação das expectativas industriais do início dos anos 2011 e 2012, pode-se dizer que este Índice começou o ano 2012 repleto de expectativas negativas quanto à retomada da atividade econômica, após a baixa perspectiva de crescimento de 2011. De certa forma, o ano passado não apresentou uma conjuntura favorável para que a confiança do empresariado se firmasse no patamar considerado otimista.

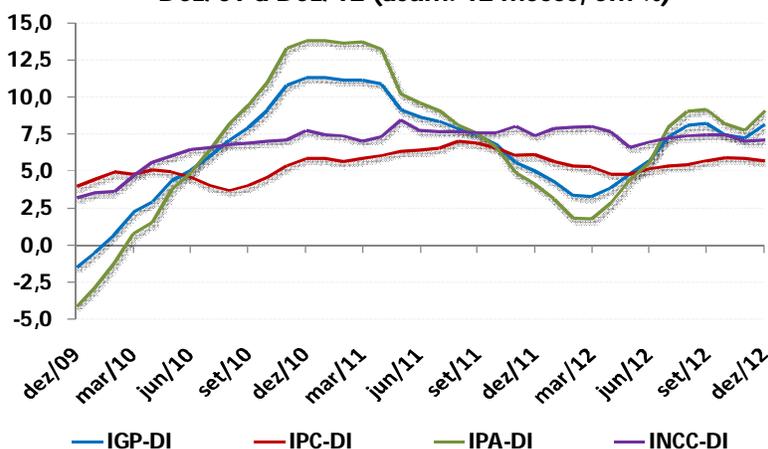
## Inflação

### O IGP-DI de 2012 encerrou o ano com aumento de 3,1 pontos percentuais em relação ao ano anterior

O Índice Geral de Preços de Atacado - Disponibilidade Interna (IGP-DI), calculado pela Fundação Getúlio Vargas, teve variação positiva de 8,1% em 2012, contra 5,0% no ano anterior. As maiores pressões advieram do Índice de Preços de Atacado - IPA e do Índice Nacional de Construção Civil - INCC. O IPA encerrou o ano acima de 9,0%, evidenciando os reflexos da forte elevação dos produtos agropecuários cujo patamar foi de 19,2%. Já o INCC, teve como principal responsável o aumento de 9,3% no custo da mão de obra.

No que diz respeito ao Índice de Preço ao Consumidor - IPC, a elevação no ano chegou a 5,7%, abaixo do índice geral, mas com pressões nos grupos de *Despesas Diversas* (12,2%), de *Alimentação* (8,9%) e de *Educação, Leitura e Recreação* (8,2%).

**Gráfico 5 - Evolução do IGP-DI e seus Componentes**  
Dez/09 a Dez/12 (acum. 12 meses, em %)



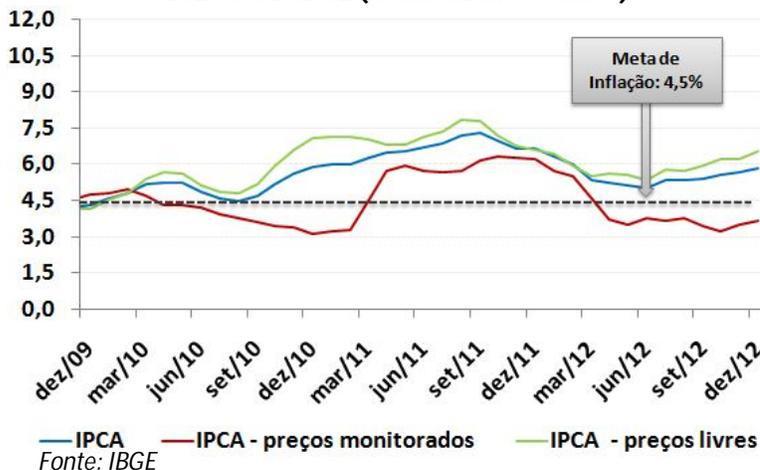
Fonte: FGV

O Gráfico 5 mostra a evolução do IGP-DI e seus componentes entre dez/09 e dez/12. Nota-se que em 2012 tanto o INCC quanto o IPC comportaram-se em um patamar abaixo do apresentado em 2011. No entanto, o IPA teve um comportamento diverso, tendo contribuído diretamente para a alta de 8,1% no IGP-DI. Isso aconteceu porque o IPA representa 60% do Índice Geral.

### Mesmo dentro do Intervalo de tolerância, a inflação de 5,8% em 2012 modifica expectativas do mercado à cerca da meta oficial

Os dados do Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA) indicaram que a inflação de 2012 foi de 5,8%, abaixo dos 6,5% registrados no ano anterior. As maiores pressões advieram dos Preços Livres, principalmente dos preços Não Comercializáveis cujo crescimento foi da ordem de 8,5%. Uma evidência disso é que os grupamentos de *Despesas Pessoais*, *Alimentação e Bebidas* e *Educação* ficaram acima do percentual registrado.

**Gráfico 6 - Evolução do IPCA, Preços Monitorados e Preços Livres**  
- Dez/09 a Dez/12 (Acum. 12 meses em %)



Fonte: IBGE

Enquanto isso, os preços Comercializáveis ficaram abaixo de 4,5%, refletindo a leve flutuação cambial. Os preços Monitorados também ficaram abaixo da meta de inflação, sendo que as maiores contribuições para esse resultado vieram da redução nas tarifas de *Telefone Fixo* e no preço da *Gasolina*.

O **Gráfico 6** mostra a evolução do IPCA, dos Preços Monitorados e dos Preços Livres, entre dez/09 e dez/12. Percebe-se que até out/10 os preços livres e monitorados se mantiveram abaixo do teto da meta de inflação. A partir de nov/10 os primeiros passam a ser fortemente influenciados pelos preços não comercializáveis e mantêm-se acima de 6,5%.

Por mais que o resultado tenha sido positivo em relação à base citada, o percentual modificou as expectativas dos agentes econômicos para 2013, ou seja, em janeiro de 2012 o Focus – Relatório de Mercado do Banco Central do Brasil – estimava inflação de 5,3% para o mesmo ano e de 5,0% para o ano seguinte. No entanto, a previsão para 2013 foi reajustada no relatório da última semana de janeiro, e a inflação esperada passou a se concentrar em, aproximadamente, 5,7%.

## Comércio Varejista

### Comércio Nacional registra expansão de 8,4% em 2012

O Índice de Volume de Vendas (valores dessazonalizados) do IBGE, divulgado em fevereiro de 2013, revelou que o volume de vendas do Comércio Varejista brasileiro obteve expansão de +8,4% em 2012 na comparação com o mesmo período de 2011. Esse resultado é reflexo, principalmente, da expansão de +12,2% na venda de *Móveis e Eletrodomésticos* e de +10,2% nas atividades de *Artigos farmacêuticos, médicos, ortopédicos, de perfumaria e cosméticos*, como pode ser visualizado na Tabela 2, abaixo.

A **Tabela 2** mostra as taxas de desempenho do comércio varejista do Brasil por trimestres dos anos 2011 e 2012. Nota-se que a maioria das atividades apresentou expansões consideráveis no último ano, com destaques para os *Combustíveis e Lubrificantes* (6,8%) e para os *Hipermercados, supermercados, produtos alimentícios, bebidas e fumo* (8,4%). Por outro lado, a atividade de *Equipamentos e materiais para escritório, informática e comunicação* que vinha crescendo acima de dois dígitos desde o 2º tri/11 perdeu espaço e registrou queda de -7,4% no 4º tri/12, refletindo o recuo de -18,5% na produção dentro desse subsetor nesse último trimestre. Quanto ao comércio varejista ampliado, percebem-se grandes expansões na venda de *Veículos, motocicletas, partes e peças*, principalmente nos dois últimos trimestres de 2012, enquanto isso, o crescimento da atividade de *Material de construção* ficou abaixo do registrado em 2011.

**Tabela 2 – Taxas Crescimento Trimestral e Anual do Volume de Vendas do Comércio Varejista do Brasil em 2011 e 2012 (em %)**

Atividades	Crescimento no Trimestre**								Cresc. %	
	2011				2012				2011/2010	2012/2011
	1º	2º	3º	4º	1º	2º	3º	4º	2010	2011
<b>COMÉRCIO VAREJISTA*</b>	<b>7,2</b>	<b>7,4</b>	<b>6,0</b>	<b>5,8</b>	<b>8,6</b>	<b>8,0</b>	<b>8,9</b>	<b>8,1</b>	<b>6,6</b>	<b>8,4</b>
Combustíveis e lubrificantes	5,6	0,1	0,4	0,3	2,8	6,7	9,6	8,1	1,6	6,8
Hiper., super., prod. Alim., beb. e fumo	2,7	5,1	4,0	4,3	11,4	7,7	7,8	7,1	4,0	8,4
Tecidos, vestuário e calçados	9,6	6,3	1,0	-0,1	1,0	1,2	6,5	4,4	3,6	3,4
Móveis e eletrodomésticos	16,8	18,7	17,9	13,8	15,8	12,3	11,4	10,1	16,6	12,2
Art. farm., méd., orto., perf. e cosm.	9,4	11,8	10,3	7,6	10,8	11,0	10,8	8,5	9,7	10,2
Livros, jornais, revistas e papelaria	9,3	7,6	4,9	1,6	5,2	2,4	5,0	8,4	5,9	5,4
Equip. e mat. Escrit., inform. Comum.	8,3	20,2	16,1	30,4	30,9	6,1	7,2	-7,4	19,6	6,9
Outros art. uso pessoal e doméstico	7,1	6,0	1,5	2,3	9,3	5,8	8,2	13,4	4,0	9,4
<b>COMÉRCIO VAREJISTA AMPLIADO*</b>	<b>7,7</b>	<b>11,4</b>	<b>5,2</b>	<b>3,8</b>	<b>5,4</b>	<b>6,7</b>	<b>10,2</b>	<b>8,6</b>	<b>6,9</b>	<b>7,7</b>
Veículos, motocicletas, partes e peças	6,3	18,0	4,8	-2,4	1,1	5,1	11,2	11,4	6,1	7,3
Material de construção	13,6	11,7	6,5	5,9	13,4	5,6	4,9	8,7	9,1	7,9

Fonte : IBGE \*Com Ajuste Sazonal

\*\*contra igual trimestre do ano anterior

Na comparação de dezembro com o mês anterior, houve um recuo da ordem de -0,5%, rompendo a

sintonia de crescimento que vinha ocorrendo nos últimos seis meses. No entanto, na comparação com o mesmo mês do ano anterior, os resultados refletiram otimismo com o incremento de 6,8% no volume de vendas e 4,8% na Receita Real.

A **Tabela 3** mostra o crescimento do volume de vendas do comércio varejista, por ordem decrescente de expansão segundo as UFs. No que tange ao desempenho das 27 unidades da federação, as maiores contribuições advieram dos estados de Roraima (26,9%), Amapá (17,9%) e Mato Grosso do Sul (16,9%), sendo que o Maranhão (11,9%) ocupou a sexta posição no ranking dos estados com maiores incrementos no volume de vendas.

**Tabela 3 – Volume de Vendas por UF – Cresc. 12 meses (%) – out/12 a dez/12**

Unidade da Federação	% últimos 12 meses*		
	out/12	nov/12	dez/12
<b>Brasil</b>	8,2	8,4	8,4
Roraima	26,7	27,2	26,9
Amapá	16,0	17,6	17,9
Mato Grosso do Sul	15,3	16,5	16,9
Tocantins	17,3	17,6	15,8
Acre	13,8	14,3	13,2
Maranhão	11,8	11,8	11,9

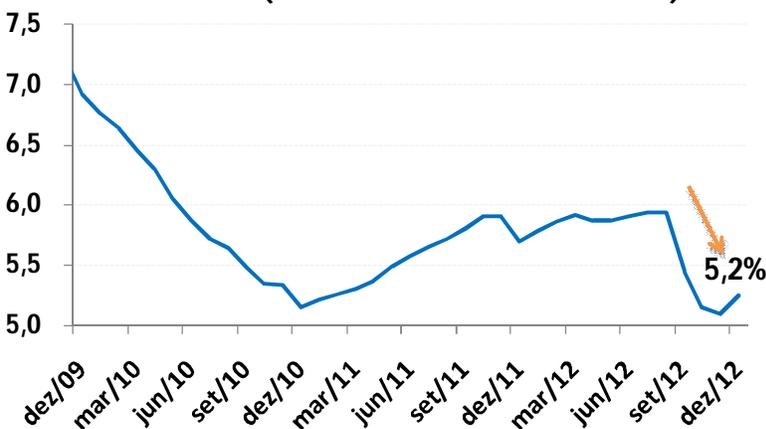
Fonte: IBGE \*contra igual mês do ano anterior

## Inadimplência

### Inadimplência recuou 7,8% em 2012

Os dados do Serviço Central de Proteção ao Crédito - SCPC, para o Estado de São Paulo, registraram queda de 7,8% na taxa líquida de inadimplência em 2012. Essa taxa é calculada através da diferença entre os novos registros e os registros cancelados, sendo dividida pelo número de consultas efetuadas. Os registros cancelados cresceram num ritmo superior aos novos registros, sendo que o número de consultas efetuadas apresentou leve expansão. O resultado foi uma taxa média de 5,2%. Esse percentual mostra a preocupação dos indivíduos na retirada de seus nomes da lista de restrição ao crédito, ou seja, pode-se alegar que, no período analisado, houve um maior interesse dos devedores na negociação dos débitos com mais de três meses de atraso.

**Gráfico 6 – Inadimplência no SCPC em São Paulo - Dez/09 - Dez/12 (Média Móvel de 12 meses em %)**



Fonte: BACEN

O **Gráfico 6** tem-se a média móvel do percentual da inadimplência do estado de São Paulo, entre dez/09 e dez/12. No primeiro ano da série, percebe-se que a taxa saiu de um patamar acima de 7,0% e alcançou o menor ponto em dez/10, que foi de 5,2%. Nos dois últimos anos a média alcançada foi de 5,6%, sendo que nos últimos meses de 2012 apresentou uma tendência de queda, se concentrando em 5,2% em dezembro do mesmo ano.

## Setor externo e Comércio exterior

### O déficit em transações correntes foi o maior desde 1947

A **Tabela 3** mostra o Balanço de Pagamentos Brasileiro de 2010 a 2012. Percebe-se uma forte diminuição do Resultado do Balanço em 2012 (US\$ 18,9 bi contra US\$ 58,6 bi em 2011) influenciada, sobretudo, pelo mau desempenho da Conta Capital e Financeira e da Balança Comercial.

Em 2012, a Conta Capital e Financeira recuou -35,1%, caindo do patamar de US\$ 112,4 bilhões (em 2011) para US\$ 72,9 bilhões. Dentro dessa Conta, houve queda de -75,1% dos Investimentos em Carteira (de US\$

35,3 bi em 2011 para US\$ 8,8 bi em 2012) decorrente da menor atratividade da taxa básica de juros praticada no país (7,25% a.a). Ainda dentro da Conta Capital e Financeira, o Investimento Estrangeiro Direto (IED) registrou leve queda de -2,1% (de US\$ 66,6 bi em 2011 para US\$ 65,2 bi em 2012) (Tabela 3). No entanto, a importância desse item para o resultado do Balanço é cada vez maior. Em 2009, o IED representava 36,7% do saldo da conta Capital e Financeira, em 2012 representou 89,5%.

Em um ano marcado pelos efeitos da crise financeira internacional, o déficit em transações correntes foi recorde, chegando a US\$ -54,2 bilhões, o pior resultado desde 1947, quando a série teve início. Pelo terceiro ano consecutivo, o déficit em transações correntes registrou aumento em relação ao ano anterior.

**Tabela 3 - Balanço de Pagamentos Brasileiro 2010 a 2012 (US\$ Milhões)**

Discriminação	2010	2011	2012	2011/ 2010	2012/ 2011
TRANSAÇÕES CORRENTES	-47.273	-52.480	-54.232	-11,0	-3,3
Balança comercial (FOB)	20.147	29.807	19.446	47,9	-34,8
Serviços e Rendas	-70.322	-85.271	-76.524	-21,3	10,3
Serviços	-30.835	-37.952	-41.076	-23,1	-8,2
Rendas	-39.486	-47.319	-35.448	-19,8	25,1
Transf. Unilaterais Correntes	2.902	2.984	2.846	2,8	-4,6
CONTA CAPITAL E FINANCEIRA	99.912	112.389	72.887	12,5	-35,1
Conta Capital	1.119	1.573	-1.877	40,6	-219,3
Conta Financeira	98.793	110.816	74.764	12,2	-32,5
Investimento estrangeiro direto	48.506	66.660	65.251	37,4	-2,1
Investimento em Carteira	63.011	35.311	8.794	-44,0	-75,1
RESULTADO DO BALANÇO	49.101	58.637	18.900	19,4	-67,8
TRANSAÇÕES CORRENTES (%PIB)	-2,13	-2,15	-2,40	-1,0	-11,5
DÍVIDA EXTERNA BRUTA	351.941	404.117	428.382	14,8	6,0
RESERVAS INTERNACIONAIS	288.575	352.012	378.613	22,0	7,6

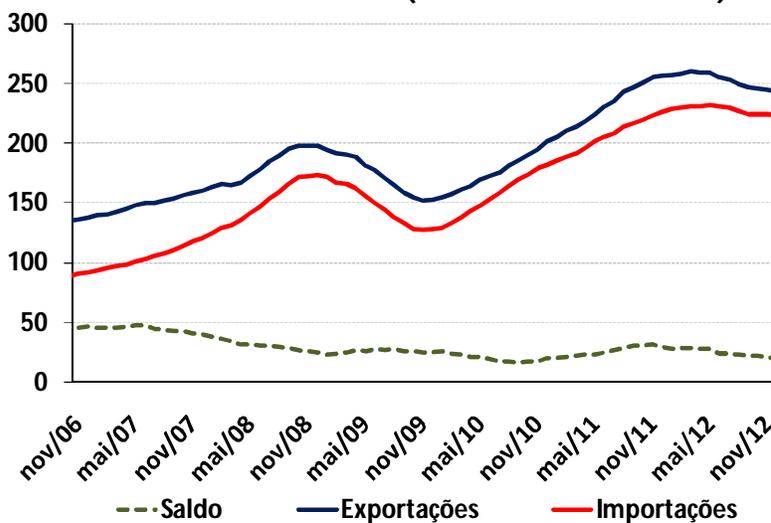
A conta de Serviços registrou um déficit maior em 2012, na comparação com 2011 (US\$ -41,1 bi contra US\$ -38,0 bi). Destaque para as despesas de residentes no Brasil com turismo e com aluguel de equipamentos no exterior, que cresceram (+17,0% e +12,2%, respectivamente).

Fonte: BACEN

O resultado das Transações Correntes só não foi pior porque as remessas líquidas de renda para o exterior diminuíram em 2012. Essas remessas somaram US\$ 35,4 bilhões em 2012, contra US\$ 47,3 bilhões no ano anterior. Esse desempenho pode ser explicado, principalmente, por dois fatores: a) o baixo crescimento econômico brasileiro em 2012 reduziu o lucro das empresas multinacionais, que passaram a enviar menos divisas para suas sedes no exterior; b) a valorização do dólar ao longo do ano passado, que também agiu no sentido de reduzir essas remessas.

A Balança Comercial brasileira apresentou em 2012 um superávit abaixo do registrado em 2011, com recuo de -34,8% (US\$ 19,4 bi contra US\$ 29,8 bi). Esse menor resultado reflete a recente conjuntura econômica mundial de baixo crescimento das principais economias e de fragilidade econômica na zona do Euro, que resultam em um cenário adverso às exportações. No acumulado de doze meses, o saldo da balança comercial brasileira alcançou US\$ 19,4 bilhões em dez/12, o pior valor desde nov/10.

**Gráfico 7 - Balança Comercial Brasileira US\$ Bilhões - Nov/06 a Dez/12 (Acumulado de 12 Meses)**



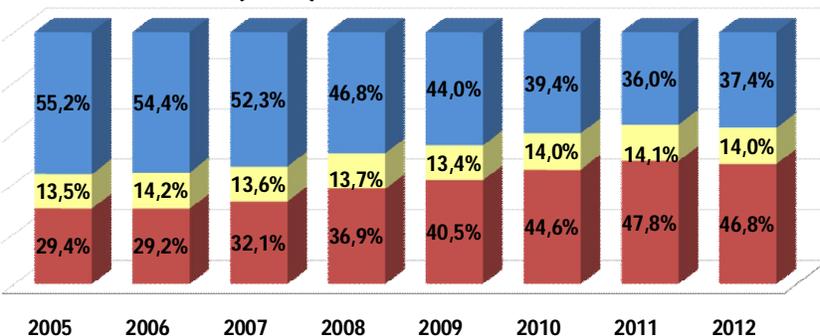
Fonte: MDIC

Apesar da trajetória de valorização do câmbio ter sido interrompida em 2012, o fraco cenário externo não favoreceu as exportações nacionais. **(Gráfico 7).**

**Produtos manufaturados ganharam maior participação na pauta de exportação em 2012**

O **Gráfico 8** mostra a abertura das exportações brasileiras por fator agregado de 2005 a 2012. Nesse período, o grupo dos produtos básicos ganhou participação 17,4 p.p. tendo alcançado o pico de 47,8% da pauta das exportações brasileiras em 2011 (US\$ 256,0 bilhões). No outro extremo, foram os produtos manufaturados que cederam espaço nesse período, tendo diminuído sua participação em 17,6 p.p. (de 55,2% em 2005 para 37,4% em 2012).

**Gráfico 8 - Exportação Brasileira Por Fator Agregado - 2005 a 2012 (em %)**



Fonte: MDIC

A apreciação cambial e a demanda chinesa por *commodities* (minério de ferro, especialmente) explicam a redução na participação de bens manufaturados na pauta de exportação nacional. Tal mudança de composição em favor dos produtos básicos também refletiu o aumento expressivo da competitividade do setor agrícola.

No primeiro semestre de 2012, a exportação de bens industrializados somou US\$ 43,2 bilhões, enquanto que no segundo semestre US\$ 47,4 bilhões, favorecida pela desvalorização cambial ao longo do ano. Apesar do melhor desempenho no segundo semestre, o resultado de 2012 ficou aquém do registrado em 2011 (de US\$ 92,3 bi em 2011 para US\$ 90,7 bi em 2012). Os produtos básicos também registraram queda, só que bem mais acentuada (US\$ 113,5 bilhões em 2012 contra US\$ 122,4 bilhões em 2011). Em detrimento da maior redução dos produtos básicos, os manufaturados acabaram ganhando participação em 2012, relativamente a 2011 (os manufaturados subiram de 36,0% para 37,4% e os básicos caíram de 47,8% para 46,8%).

A expectativa para 2013 é que as medidas de incentivo à indústria, como a elevação do imposto de importação, e mais recentemente a redução do preço da energia, comecem a exercer influência no sentido de fomentar ainda mais a exportação de bens industrializados, visto que o câmbio deve se manter relativamente estável nesse período, de acordo com o Ministério da Fazenda.

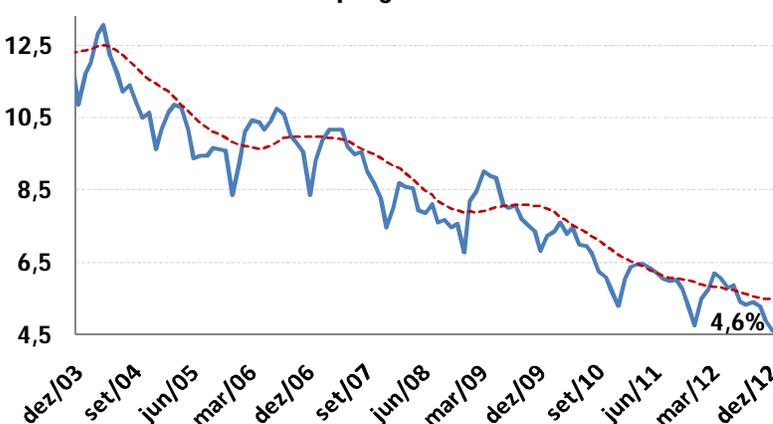
**Mercado de Trabalho**

**A taxa de desemprego brasileira alcançou o menor patamar histórico: 4,6%**

A taxa de desemprego, pesquisada pelo IBGE nas seis maiores regiões metropolitanas do país, ficou em 4,6% em dezembro, após registrar 4,9% em novembro. Foi a menor taxa para o mês de dezembro desde o início da série, em março de 2002. Em dez/11, a desocupação havia sido de 4,7%.

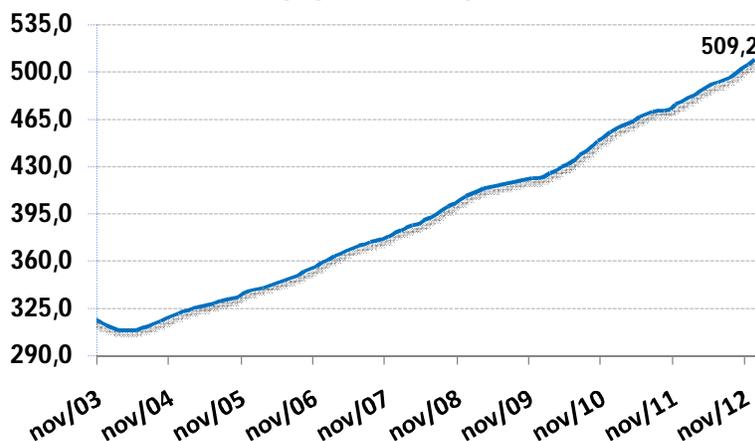
O mercado de trabalho apresentou bom resultado no decorrer do ano passado, apesar do crescimento do PIB de apenas 0,0%.

**Gráfico 9 – Taxa de Desemprego no Brasil – Dez/03 a Dez/12**



O **Gráfico 9** mostra a evolução da Taxa de Desemprego no Brasil no período de dez/2003 a dez/2012 (mensal e média móvel de 12 meses). Na média de doze meses, encerrados em dez/12, a taxa de desocupação foi de 5,5%, a menor média anual desde 2002, quando a metodologia passou a ser aplicada

**Gráfico 10 – Evolução da massa de rendimentos real<sup>1</sup> (em bilhões) da população ocupada – dez/03 a dez/12**



Fonte: IBGE

<sup>1</sup>Inflacionada pelo INPC acumulado até dez/2012

No acumulado de doze meses, a massa de rendimentos da população ocupada das maiores regiões metropolitanas alcançou nível histórico recorde em dez/12. Como mostra o **Gráfico 10**, chegou a R\$ 509,2 bilhões, reflexo da queda na taxa de desemprego e da política de valorização do salário mínimo iniciada em 2002, que prevê repasse da inflação entre as correções e o aumento real pela variação do PIB.

Analisando-se a geração de empregos formais por localidades geográficas na **Tabela 4**, verifica-se que em 2012, todas as Regiões obtiveram saldo em contratações positivo. Em relação a 2011, no entanto, houve recuo em todas elas, e o decréscimo no Brasil foi de -35,1% (1,3 milhões em 2012 contra 2,0 milhões em 2011).

**Tabela 4 – Saldo de Emprego Formal em 2012 - Brasil, Grandes Regiões, e UFs Nordestinas**

Ordem	Localidade	Dezembro 2012	2011 (a)	2012 (b)	Varição absoluta (b - a)	Cresc. (%) (b / a)
	<b>Brasil</b>	<b>-496.944</b>	<b>2.026.571</b>	<b>1.315.577</b>	<b>-710.994</b>	<b>-35,1</b>
1º	Sudeste	-267.328	1.028.090	659.308	-368.782	-35,9
2º	Sul	-102.497	334.517	233.872	-100.645	-30,1
3º	Nordeste	-50.705	355.655	195.758	-159.897	-45,0
4º	Centro-Oeste	-47.660	163.407	152.856	-10.551	-6,5
5º	Norte	-28.754	144.902	73.783	-71.119	-49,1
1º	Pernambuco	-9.637	95.627	47.695	-47.932	-50,1
2º	Ceará	-5.216	58.968	40.882	-18.086	-30,7
3º	Bahia	-16.273	83.161	37.990	-45.171	-54,3
4º	Paraíba	-927	21.882	19.214	-2.668	-12,2
<b>5º</b>	<b>Maranhão</b>	<b>-7.827</b>	<b>28.563</b>	<b>13.710</b>	<b>-14.853</b>	<b>-52,0</b>
6º	RN	-2.380	13.420	12.582	-838	-6,2
7º	Piauí	-2.382	11.756	11.320	-436	-3,7
8º	Sergipe	-3.450	20.121	10.052	-10.069	-50,0
9º	Alagoas	-2.613	22.157	2.313	-19.844	-89,6

Fonte: MTE

Quanto aos estados nordestinos, o Maranhão ficou em 5º lugar na geração de empregos, com saldo de +13,7 mil contratações (um recuo de -52,0% em relação a 2011, quando o saldo foi de 28,6 mil).

A **Tabela 5** fornece a composição setorial no saldo de contratações de 2010 a 2012. No ano passado, somente o setor de *Serviços Industriais de Utilidade Pública* (SIUP) apresentou variação positiva na comparação com 2011 (+578 postos de empregos formais). Dentre os demais setores, destacam-se os *Serviços* (-283,8 mil), a *Indústria de Transformação* (-137,0 mil) e o *Comércio* (-93,9 mil).

Em relação às Grandes Regiões do país, registrou-se em 2012 o seguinte comportamento na geração de empregos: Sudeste (+659,3 mil), Sul (+233,9 mil), Nordeste (+195,7 mil), Centro-Oeste (+152,8 mil) e Norte (+73,8 mil). Na região Nordeste, os resultados negativos da Indústria de Alimentos e Bebidas (-6,7 mil), da Indústria de Calçados (-6,3 mil) e da Agropecuária (-4,2 mil) pesaram para que o recuo na geração de empregos fosse maior que em outras regiões.

Todos os subsetores da Indústria de Transformação registraram menos contratações em 2012 na comparação com 2011, exceto a Indústria da Borracha e do Fumo, refletindo sem dúvida o baixo crescimento econômico. Dentro do setor de Serviços, o segmento que mais demitiu em 2012 foi o *Comércio e administração de imóveis e valores mobiliários*, atividades que são ligadas à intermediação financeira.

**Tabela 5 - Evolução do Mercado de Trabalho Formal no Brasil Segundo Subsetores de Atividade - 2010 a 2012 (Série CAGED Ajustado)**

Subsetores de atividade	Estoque (RAIS) 2011	Geração de Empregos			Variação Absoluta (b - a)	Cresc. (%) (b / a)
		2010	2011 (a)	2012 (b)		
<b>Total</b>	<b>46.310.631</b>	<b>3.189.428</b>	<b>2.026.571</b>	<b>1.315.577</b>	<b>-710.994</b>	<b>-35,1</b>
<b>Extrativa mineral</b>	<b>231.389</b>	<b>19.698</b>	<b>19.663</b>	<b>11.106</b>	<b>-8.557</b>	<b>-43,5</b>
<b>Indústria de Transformação</b>	<b>8.113.805</b>	<b>760.501</b>	<b>224.409</b>	<b>87.385</b>	<b>-137.024</b>	<b>-61,1</b>
Ind. metalúrgica	824.240	93.778	27.178	479	-26.699	-98,2
Ind. mecânica	609.245	65.831	31.329	11.370	-19.959	-63,7
Ind. da madeira e do mobiliário	479.514	44.747	12.093	7.858	-4.235	-35,0
Ind. da borracha, fumo, couros,	327.246	31.134	1.310	5.958	4.648	354,8
Ind. química de prod. farm.,	920.209	64.484	26.938	18.610	-8.328	-30,9
Ind. de alimentos e bebidas	1.831.404	141.105	69.953	35.528	-34.425	-49,2
Outras indústrias	3.121.947	319.422	55.608	7.582	-48.026	-86,4
<b>S.I.U.P. 5</b>	<b>412.741</b>	<b>21.459</b>	<b>9.617</b>	<b>10.195</b>	<b>578</b>	<b>6,0</b>
<b>Construção civil</b>	<b>2.750.173</b>	<b>460.686</b>	<b>235.922</b>	<b>148.114</b>	<b>-87.808</b>	<b>-37,2</b>
<b>Comércio</b>	<b>8.842.677</b>	<b>604.277</b>	<b>477.367</b>	<b>383.426</b>	<b>-93.941</b>	<b>-19,7</b>
Comércio varejista	7.388.440	484.937	389.337	312.722	-76.615	-19,7
Comércio atacadista	1.454.237	119.340	88.030	70.704	-17.326	-19,7
<b>Serviços</b>	<b>15.372.455</b>	<b>1.192.365</b>	<b>958.215</b>	<b>674.420</b>	<b>-283.795</b>	<b>-29,6</b>
Com. e adm. de imóveis,	4.930.192	475.944	338.946	203.922	-135.024	-39,8
Alojamento, alimentação, etc.	3.913.042	331.228	291.502	215.624	-75.878	-26,0
Ensino	1.616.082	99.611	63.344	71.780	8.436	13,3
Outros serviços	4.913.139	285.582	264.423	183.094	-81.329	-30,8
<b>Administração pública</b>	<b>9.103.601</b>	<b>30.125</b>	<b>15.793</b>	<b>-2.447</b>	<b>-18.240</b>	<b>-115,5</b>
<b>Agropecuária</b>	<b>1.483.790</b>	<b>100.317</b>	<b>85.585</b>	<b>3.378</b>	<b>-82.207</b>	<b>-96,1</b>

Fonte: MTE

Os setores de Serviços e Comércio sustentaram a geração de empregos no país, embora em ritmo menor que 2011. Foram os setores que mais admitiram em 2012 (+674,4 mil e +383,4 mil, respectivamente). (Tabela 5).

## CENÁRIO ESTADUAL

### Produção Agrícola

**Três das maiores culturas do Maranhão registram queda de produção. Porém, as culturas de milho e de algodão têm safra recorde em 2012**

Na produção de 2011/2012, as culturas de feijão, arroz e mandioca obtiveram queda de produção, de rendimento médio e da área, na comparação com a safra de 2010/2011, como mostra a **Tabela 6**.

A cultura de feijão recuou em todas as variáveis pesquisadas. Sua área colhida caiu em -7,2%, a produção recuou -19,0% e o rendimento médio sofreu decréscimo de -14,0%. A redução da produção no estado acompanhou o declínio da produção nacional, (-20,4%). A baixa na produção nacional reflete as quedas na produção desse alimento em todas as regiões do Brasil, para o caso do Maranhão a variação negativa está diretamente ligada às condições climáticas (falta de chuva).

A cultura de arroz foi a que obteve maior variação negativa no estado. Na área plantada, o decréscimo foi de -8,0%, sendo que parte dessa área foi perdida já que a área colhida apresentou variação negativa de -10,6%. A queda no rendimento do arroz foi de -30,6% e de -38% na produção total do estado, acompanhando de forma mais acentuada a queda na produção nacional que foi de -15,4%. Essa variação negativa no país pode ser explicada pela estiagem sofrida em algumas Regiões, principalmente no Sul e no Nordeste. A cultura de mandioca registrou decréscimo de -5,3% na área plantada e colhida, a produção caiu em -14,1% e o rendimento médio caiu em -9,2%. Na produção nacional, a produção foi menor de -4,0%

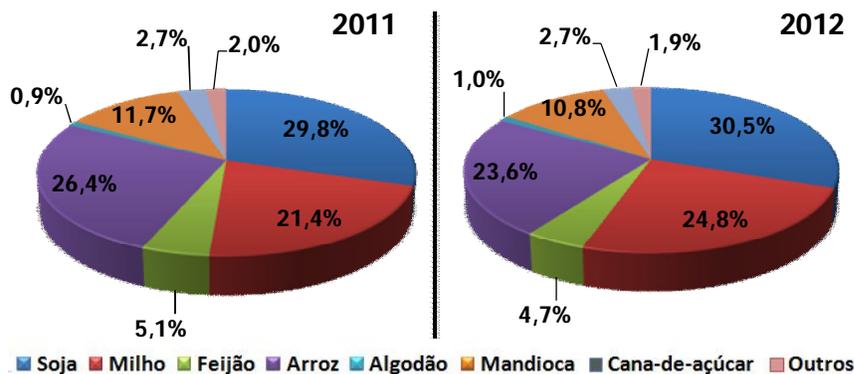
**Tabela 6 – Estimativa de Área Plantada e Colhida, Produção e Rendimento Médio do MA e Produção do BR - 2011 e 2012**

Produto	Período	Área (mil ha)		Prod. MA (mil ton)	Rend. Médio (Kg/ha)	Prod. BR (mil ton)	Prod. MA/BR (%)
		Plantada	Colhida				
Soja	2010/2011(a)	531	531	1.571	2.962	74.829	2,1
	2011/2012 (c)	556	556	1.640	2.949	65.706	2,5
	(c/a)	4,8	4,8	4,4	-0,4	-12,2	-
Milho	2010/2011(a)	381	381	646	1.695	56.100	1,2
	2011/2012 (c)	452	446	783	1.757	71.491	1,1
	(c/a)	18,5	16,9	21,2	3,7	27,4	-
Feijão	2010/2011(a)	91	91	43	469	3.550	1,2
	2011/2012 (c)	86	84	35	404	2.826	1,2
	(c/a)	-5,7	-7,2	-19,0	-14,0	-20,4	-
Arroz	2010/2011(a)	469	469	708	1.509	13.456	5,3
	2011/2012 (c)	432	419	439	1.047	11.379	3,9
	(c/a)	-8,0	-10,6	-38,0	-30,6	-15,4	-
Algodão	2010/2011(a)	17	17	61	3.665	5.060	1,2
	2011/2012 (c)	19	19	75	4.030	4.947	1,5
	(c/a)	11,2	11,2	22,2	10,0	-2,2	-
Mandioca	2010/2011(a)	208	208	1.780	8.577	26.128	6,8
	2011/2012 (c)	197	197	1.530	7.782	24.314	6,3
	(c/a)	-5,3	-5,3	-14,1	-9,3	-6,9	-
Cana-de-açúcar	2010/2011(a)	49	49	2.674	55.055	634.846	0,4
	2011/2012 (c)	50	50	3.012	60.801	675.015	0,4
	(c/a)	2,0	2,0	12,6	10,4	6,3	-

Fonte: IBGE/LSPA

A cultura de milho obteve acréscimo na área plantada e colhida de +18,5% e +16,9%, respectivamente, sendo as maiores variações positivas do estado, a produção obteve acréscimo de +21,2% e o rendimento médio variou positivamente +3,7%.

**Gráfico 11 – Composição da Área Plantada no Maranhão por Principais Culturas (Safras 2011/2010 e 2012/2011)**



Fonte: LSPA/IBGE

O cultivo da cana de açúcar apresentou variação positiva de +2,0% nas áreas plantada e colhida. O mesmo aconteceu com a produção (+12,8%) e o rendimento (+10,4%).

Vale ressaltar que, com exceção do milho e da cana de açúcar, todas as outras culturas analisadas a nível nacional foram na contramão da produção estadual e obtiveram queda.

De acordo com o prognóstico divulgado pelo IBGE para a safra 2013, a produção nacional de cereais, leguminosas e oleaginosas (exceção de mandioca e cana de açúcar) está estimada em 178,0 milhões de toneladas, 9,9% superior a safra colhida em 2012, que foi de 162,1 milhões de toneladas. Este incremento deve-se a recuperação e ao aumento previsto para as regiões Sul (27,9%) e principalmente Nordeste (32,3%), que sofreram problemas climáticos em 2012. O Maranhão prevê crescimento na produção de arroz, feijão (1ª safra), milho (1ª safra), soja e mandioca. Sendo que as maiores variações positivas ocorrerão na produção

e no rendimento do arroz (+41,67% e +43,17% respectivamente), no feijão 1ª safra que terá um incremento na produção de +41,93% e +25% no rendimento médio e a soja que terá um aumento de +10,63% na produção.

## Construção Civil

### Financiamento Imobiliário

#### Volume de Recursos para financiamento Imobiliário no Maranhão atingiu R\$ 621,2 milhões em 2012

Os dados do Sistema Brasileiro de Pagamentos e Empréstimos (SBPE), divulgados pelo Banco Central, referentes ao ano de 2012 mostraram que no ano passado os recursos para financiamento imobiliário no Maranhão foi R\$ 621,2 milhões, crescimento de 28,7% relativamente a 2011, conforme mostra a **Tabela 7**. A maior parte desses recursos é oriunda da captação líquida (depósitos menos os saques) da caderneta de poupança.

**Tabela 7 – Financiamentos para Aquisição de Imóveis MA, NE e BR (Valores Constantes\* em R\$ Milhões)**

Ano	Total			Part. (%)	
	MA	NE	BR	NE	BR
2007	60,6	857,5	10.198,1	7,06	0,59
2008	93,1	1.317,6	14.676,2	7,06	0,63
2009	170,9	2.107,9	20.444,7	8,11	0,84
2010	302,5	3.678,6	36.765,5	8,22	0,82
2011	482,7	5.011,3	48.531,1	9,63	0,99
2012	621,3	6.331,7	56.294,2	9,81	1,10
2007 a 2012	79,0	64,8	53,3	-	-
2011/2010	59,6	36,2	32,0	-	-
2012/2011	28,7	26,3	16,0	-	-

Fonte: BACEN \*Inflacionados pelo INPC acumulado até Dez/12

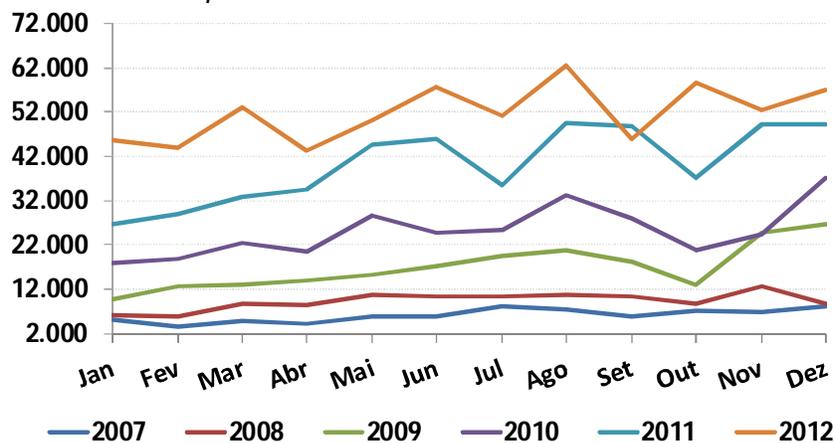
A taxa de crescimento média anual de financiamentos no estado do Maranhão no período de 2007 a 2012 foi de 79,0%, maior que a média regional, que foi de 64,8% a.a. e bem acima da nacional, que foi de 53,3% a.a..

A participação do Maranhão no total de recursos para financiamento imobiliário do Nordeste e do Brasil em 2012 foi de 9,8% e 1,1%, respectivamente. Esses números são os maiores já registrados desde que se iniciou a contagem da série em 2007.

Registros do SBPE revelam ainda que, no ano de 2012, 5.486 unidades habitacionais foram financiadas no estado do Maranhão em 2012.

O **Gráfico 12** mostra a evolução do crédito concedido para financiamento imobiliário. Pode-se ver que em 2011 o financiamento atingiu o montante de R\$ 482,7 milhões, o que representa uma expansão de +59,6% em relação ao ano anterior. Nos últimos cinco anos o total de financiamento (em milhões) destinado à aquisição de imóveis no estado alcançou uma taxa de crescimento de 79,0% ao ano.

**Gráfico 12 – Total de Financiamentos para aquisição de Imóveis no Maranhão, Valores Constantes em Mil Reais\* – 2007 a 2012**



Fonte: BACEN

\*Inflacionados pelo INPC acumulado até dez/12

## Inflação

#### O valor médio da Cesta Básica de São Luís alcançou R\$ 214,81 em 2012

Segundo o Instituto Maranhense de Estudos Socioeconômicos e Cartográficos - IMESC, o valor da Cesta Básica ludovicense, em dez/12, aumentou 6,2% na comparação com o mês anterior, alcançando R\$ 233,50. Na comparação dez/12 com dez/11, o crescimento foi de 21,3%, contra um crescimento de 3,4% na comparação de dez/11 com dez/10. Tal resultado indica que a maioria dos itens da cesta teve maior peso no

bolso do consumidor em 2012. Dentre os itens com maior variação anual, destacam-se: farinha (+100,6%), feijão (+62,3%), arroz (48,4%), tomate (+19,8%) cujos crescimentos estão ligados às perdas de produção tanto no nível nacional quanto no estadual. Os preços do pão (19,8%), do óleo (17,0%), da manteiga (13,4%), da carne (12,0%), do leite (5,9%) e da banana (4,9%) também contribuíram o encarecimento da cesta. Somente o açúcar registrou queda de preço em 2012, porém bem menor do que a apresentada no ano anterior.

**Gráfico 6 – Evolução da Cesta Básica de São Luís - Dez/09 a Dez/12**



Fonte: IMESC

A Cesta Básica de São Luís alcançou em dezembro o seu maior valor desde o início das pesquisas, em setembro de 2009. No entanto, ainda é a terceira menor (em valor) dentre as dezoito capitais, onde se aplicam a metodologia do Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos - DIEESE para estudar as variações nos produtos que fazem parte da cesta adquirida por um trabalhador que ganha um salário mínimo.

## Vendas do Comércio

### Volume de Vendas no Maranhão fecha o ano de 2012 com alta

Em dezembro o Índice de Volume de Vendas no comércio Varejista Dessazonalizado no Maranhão cresceu +0,3% em relação ao mês anterior. Na comparação com o mesmo mês do ano anterior (dez/2011), a expansão foi de +11,1% e no acumulado de 12 meses a expansão foi de +11,9%, o maior desde set/11, o que indica que o comércio maranhense apresentou um bom resultado em 2012.

A **Tabela 8** demonstra que o desempenho do comércio maranhense tem sido melhor que o nacional. Na comparação de dez/12 com o mês imediatamente anterior, o resultado maranhense foi positivo (+0,3%) enquanto o nacional foi negativo (-0,5%). Na comparação com o mesmo mês do ano anterior o crescimento estadual foi bem superior ao nacional, +11,7% contra +6,8%. E no acumulado do ano, a expansão maranhense foi de +11,9% contra +8,4% da brasileira.

O valor médio no ano de 2012 foi de R\$ 214,81, crescimento de 14,0% em relação a 2011 (R\$ 188,42).

O **Gráfico 6** mostra a evolução da cesta Básica na cidade de São Luís entre dez/09 e dez/12. Nota-se que houve um expressivo avanço em termos de valores monetários da cesta considerada dentro desse intervalo de tempo, levando-a a atingir o patamar de R\$ 233,50, em dez/12.

**Tabela 8 – Volume de Vendas do Comércio Varejista Dessaz. MA e BR**

Mês / Ano	Crescimento					
	Sobre o mês anterior		Iguar mês do ano anterior		Acumulado de 12 mese	
	MA	BR	MA	BR	MA	BR
jan/12	2,7	2,9	14,0	8,9	9,7	6,6
fev/12	1,8	-0,1	12,7	9,0	9,6	6,9
mar/12	-1,4	0,2	8,4	7,9	9,2	6,9
abr/12	2,4	0,7	11,2	8,9	8,9	7,1
mai/12	-2,5	-0,9	8,0	6,8	8,7	7,0
jun/12	2,6	1,7	14,7	8,4	9,4	7,1
jul/12	1,7	1,2	13,9	9,0	10,0	7,2
ago/12	-1,6	0,2	9,3	9,1	10,1	7,6
set/12	0,8	0,3	9,0	8,6	10,3	7,8
out/12	3,4	0,6	19,4	9,4	11,8	8,2
nov/12	0,6	0,3	11,8	8,2	11,8	8,4
dez/12	0,3	-0,5	11,1	6,8	11,9	8,4

Fonte: IBGE

Vale ressaltar que no comércio varejista ampliado, que é composto do varejo mais as atividades de

veículos, motos e peças e de material de construção, o Maranhão teve a quarta maior expansão mensal positiva do país, +9,0%, perdendo apenas para Alagoas (14,4%), Roraima (11,2%) e Amapá (10,9%).

Um dos principais fatores responsáveis pelo bom desempenho do comércio foi a política de redução do IPI para o setor automobilístico e para a linha branca. No que se refere à venda de veículos, destaca-se que o estado foi o 4º colocado no número de emplacamentos de veículos da região nordeste no ano passado, segundo o DENATRAN.

Durante o ano de 2012, as variações mensais do índice de volume de vendas no comércio varejista do Maranhão foram positivas em 9 dos 12 meses do ano. Os dados da Pesquisa Mensal do Comércio indicam que apesar do Maranhão ainda estar sendo afetado em outras áreas pela crise mundial vigente desde 2009, o comércio apresentou bons resultados registrando taxas de crescimento maiores que as nacionais.

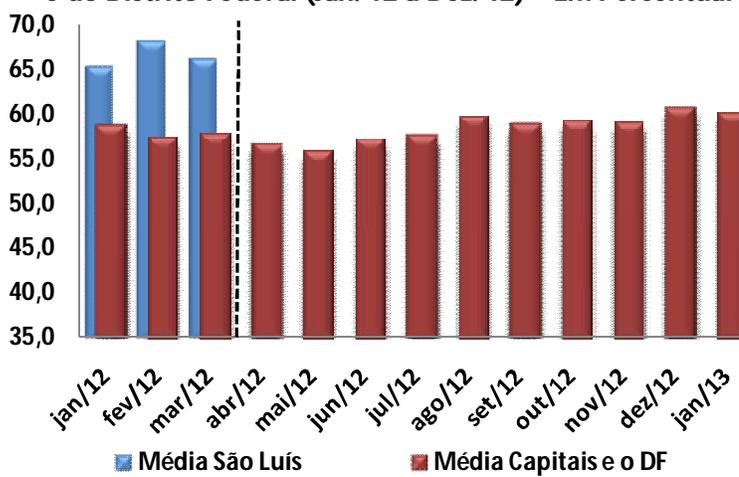
## Inadimplência

### Endividamento

#### Média de Famílias endividadas fecha o ano com leve alta

Média das famílias endividadas nas capitais brasileiras fecha o ano de 2012 com seu patamar mais alto em 12 meses, 60,7%. O percentual de famílias que declararam que possuem dívidas ou contas em atraso aumentou de 21,0% em novembro para 21,7% em dezembro, e cresceu também na comparação com dezembro de 2011 quando, o percentual estava em 21,2%.

**Gráfico 13 – Endividamento Médio das Capitais Brasileiras e do Distrito Federal (Jan/12 a Dez/12) – Em Percentual**



Fonte: FCDL/BNB e CNC

**Tabela 9 – Endividamento dos Consumidores das Capitais e do DF em Dez/11, Nov/12 e Dez/12**

Situação	dez/11	nov/12	dez/12
Total de Endividados	58,6	59,0	60,7
Dívidas ou contas em atraso	21,2	21,0	21,7
Não terão condições de pagar	7,2	6,8	7,0

Fonte: Pesquisa direta CNC

O percentual de famílias que assumiram que não terão condições de pagar suas dívidas obteve um leve aumento, de 6,8% em novembro para 7,0% em dezembro (percentual menor que os 7,2% verificado em dezembro de 2011), (Tabela 9).

Segundo dados divulgados na Pesquisa de Endividamento e Inadimplência do Consumidor (PEIC), em dezembro de 2012, as principais dívidas das famílias compreendiam cheque pré-datado, cartão de crédito, carnê de loja, empréstimo pessoal e prestação de carros e seguros.

Os tipos de dívidas que mais influenciaram para que o percentual de famílias endividadas atingisse em dezembro/2012 o maior patamar do ano foram as dívidas do cartão de crédito, do crédito pessoal, do cheque pré-datado e dos carnês, sendo o cartão de crédito ainda o responsável por 75,9% do total das dívidas.

Em termos reais de crescimento, o crédito concedido à pessoa física em 2012 foi +2,1% maior que em 2011, esse aumento foi puxado, em sua maior parte, pela elevada concessão de crédito para aquisição de bens (exceto automóvel) que foi de +66,9% maior em relação a 2011. Porém as políticas de estímulo ao crédito e a aquisição de bens duráveis exerceram impacto moderado sobre o número de famílias

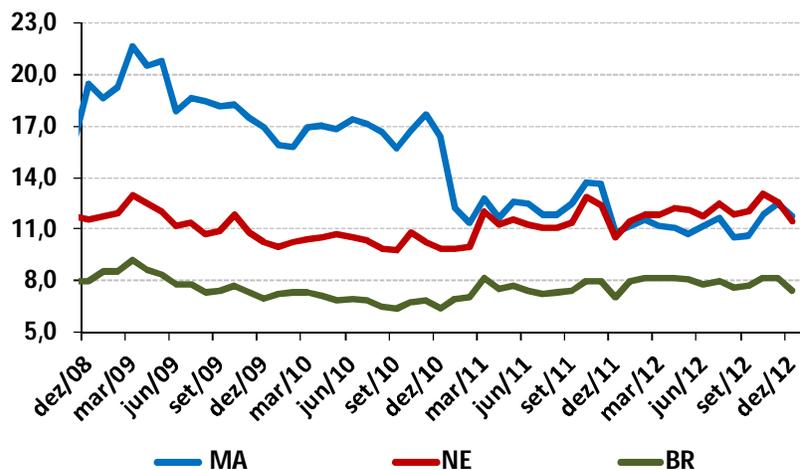
endividadas, já que o percentual, apesar de ter fechado em alta, variou pouco ao longo do ano.

## Cheques sem fundos

### O percentual de cheques sem fundos emitido no Maranhão fecha o ano em queda

O indicador do *Serasa Experian* relativo a dezembro de 2012 revelou que a proporção de *cheques sem fundos* por *cheques emitidos* (valores) do último mês do ano foi de 11,7%, percentual menor que os 2 meses anteriores (11,8% em out/12 e 12,5% nov/12, sendo este o maior percentagem do ano de 2012). Desta forma a proporção de cheques sem fundos volta a trajetória de queda dos meses anteriores a novembro e outubro. A variação de cheques sem fundos emitidos foi negativa em relação ao mês anterior, -12,6%. E na comparação com relação ao mesmo mês do ano anterior também foi negativa, -2,6%.

**Gráfico 14 – Proporção de Cheques sem Fundos MA, NE e BR (Valor) - em % do Total - Dez/08 a Dez/12**



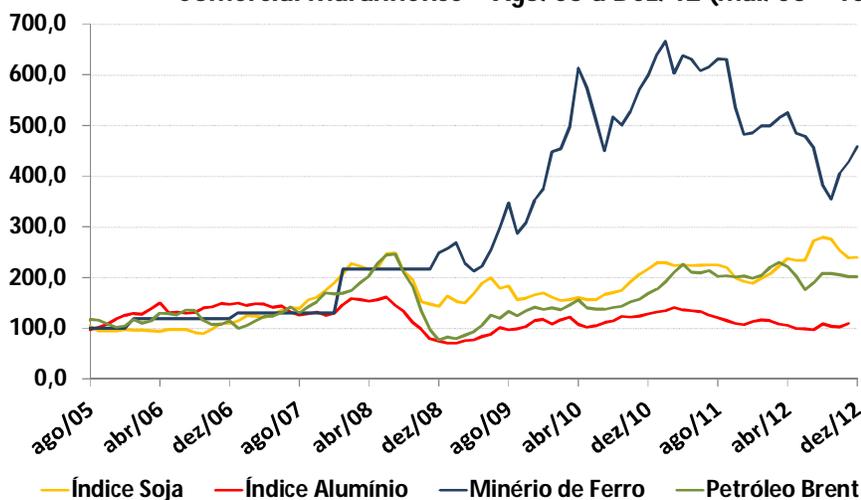
Com relação ao ano fechado, a proporção média de cheques sem fundos por cheques emitidos foi de 11,3% em 2012, percentual menor que o registrado em 2011 (12,3%) e bem abaixo do registrado em 2010, que foi de 16,3%.

Fonte: Serasa Experian

## Setor Externo

O Gráfico 15 mostra uma Série dos Índices de Preços das Principais Commodities da Balança Comercial maranhense. Em dez/12, a cotação do minério de ferro continuou a subir (+7,1%). Foi o 3º mês consecutivo de elevação, após cinco meses seguidos de queda. A maior demanda chinesa no fim do ano ajudou na recuperação dos preços do minério.

**Gráfico 15 - Índices de Preços das Principais Commodities da Balança Comercial Maranhense – Ago/05 a Dez/12 (mai/05 = 100)**



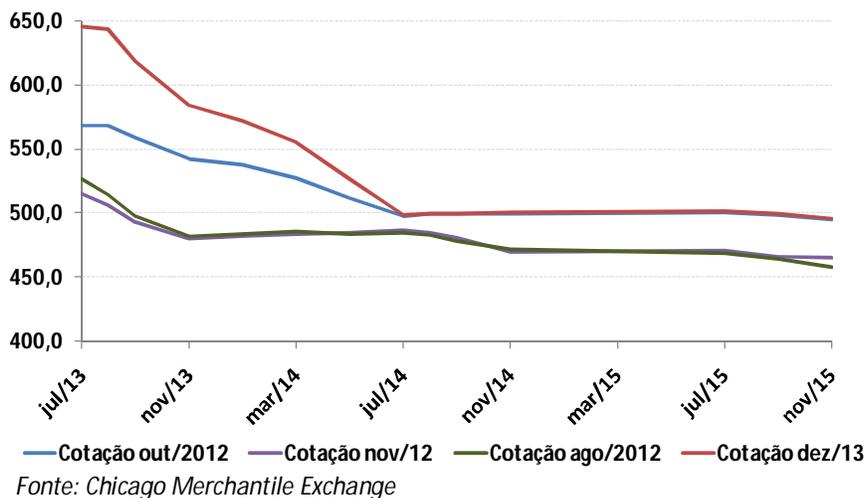
Fonte: Index Mundi

De acordo com a conceituada agência de notícias Reuters, as importações de minério de ferro pela China em dezembro somaram 70,9 milhões de toneladas, alta de 7,8% ante novembro. O total importado pela China em 2012 foi de 743,6 milhões de ton., alta de 8,4% em relação a 2011.

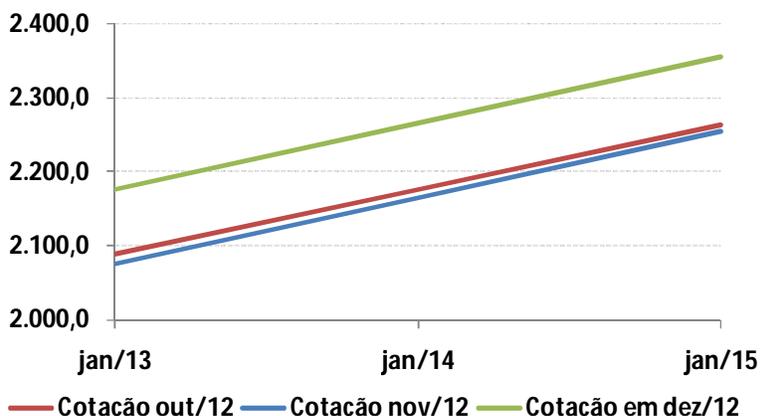
Por outro lado, a seca nos Estados Unidos fez a cotação da soja disparar e atingir um recorde histórico em ago/12 (US\$ 622 por tonelada). Todavia, entre set/12 e dez/12, a cotação da soja acumulou queda de -14,7%. A cotação do alumínio, por sua vez, manteve relativa estabilidade em 2012.

O Gráfico 16 indica o preço futuro da soja, tomado em alguns meses selecionados de 2012. A seca nos EUA pressionou a oferta da soja no mercado internacional no ano passado e influenciou para cima a cotação em ago/12. Para 2013, a previsão de safra é positiva, o que pressiona a cotação futura da soja para níveis mais baixos.

**Gráfico 16 - Cotações Futuras da Soja – Jul/13 a Nov/15(US\$/T.)**



**Gráfico 17 - Cotações Futuras do Alumínio (US\$/T.)**



O Gráfico 17 mostra expectativas melhores quanto à cotação do alumínio, o que pode ser favorável às exportações maranhenses (o complexo alumínio responde por 30% de nossa pauta exportadora).

## Comércio Exterior

**Tabela 10 - Evolução das Exportações, Importações e Corrente de Comércio do Maranhão (US\$ mil) – 2005 a 2012**

Ano	Exportação	% a.a.	Importação	% a.a.	Corrente de comércio	% a.a.
2005	1.501.053	21,9	1.156.716	57,2	2.657.769	35,1
2006	1.712.702	14,1	1.725.869	49,2	3.438.571	29,4
2007	2.177.155	27,1	2.353.170	36,3	4.530.325	31,8
2008	2.836.303	30,3	4.102.751	74,3	6.939.054	53,2
2009	1.232.814	-56,5	1.993.436	-51,4	3.226.250	-53,5
2010	2.920.267	136,9	3.817.084	91,5	6.737.351	108,8
2011	3.047.103	4,3	6.281.387	64,6	9.328.490	38,5
2012	3.024.688	-0,7	7.060.363	12,4	10.085.051	8,1

Fonte: MDIC

A Tabela 10 mostra a evolução da corrente de comércio exterior maranhense no período de 2005 a 2012. A corrente de comércio é o resultado da soma das exportações com as importações e representa o total de comércio transacionado pelo nosso estado com o exterior.

A corrente de comércio exterior do Maranhão registrou crescimento de 8,1% em 2012 na comparação

com 2011. As importações maranhenses bateram recorde histórico, chegando a US\$ 7,1 bilhões, crescimento de 12,4% em relação a 2011. Porém, as exportações somaram em 2012 US\$ 3,0 bilhões, apresentando ligeira queda de -0,7% em relação ao ano anterior.

A **Tabela 11** mostra que a quantidade exportada pelo Maranhão registrou variação negativa (-3,5%) em 2012, na comparação com 2011. A redução de -13,0% nas exportações do complexo ferro, puxada pela contração da demanda internacional durante grande parte do ano, contribuiu fortemente para esse resultado. As exportações deste complexo caíram do patamar de 5,8 milhões em 2011 para 5,0 milhões de toneladas em 2012. No entanto, de acordo com a consultoria Goldman Sachs, há boas perspectivas a partir de março de 2013, com a previsão de uma aceleração na demanda por aço por parte da China.

**Tabela 11 - Composição das Exportações Maranhenses por Principais Categorias de Produtos em Valor (US\$ Milhões), Quantidade (Em 1000 Ton.) e Crescimento (% a.a.)**

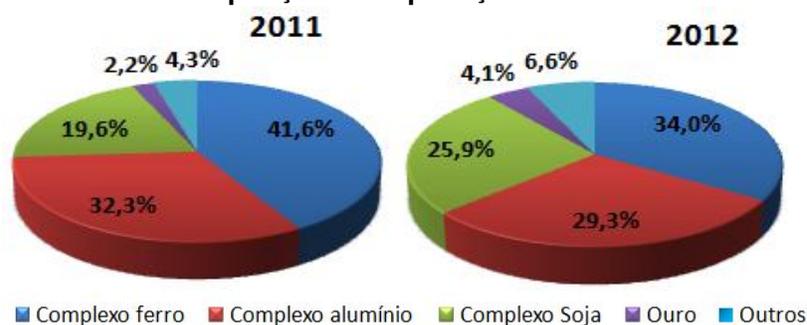
Categoria de Produtos	2009		2010		2011		2012		Cresc (%) 2012/2011	
	US\$	Qtd	US\$	Qtd	US\$	Qtd	US\$	Qtd	US\$	Qtd
<b>Total</b>	<b>1.233</b>	<b>3.378</b>	<b>2.920</b>	<b>24.300</b>	<b>3.047</b>	<b>9.562</b>	<b>3.025</b>	<b>9.225</b>	<b>-0,7</b>	<b>-3,5</b>
<b>Complexos</b>										
Complexo ferro	398	1.626	1.709	21.506	1.269	5.786	1.029	5.031	-18,9	-13,0
Complexo alumínio	383	714	699	1.648	984	2.441	887	2.551	-9,8	4,5
Complexo Soja	380	922	412	1.042	598	1.242	784	1.347	31,2	8,5
Outros	72	117	100	103	197	94	324	296	64,7	215,2
<b>Part. no Complexo (%)</b>										
<b>Complexo Ferro</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>	<b>-18,9</b>	<b>-13,0</b>
Minerios de ferro aglom. e seus concentr	23,1	52,1	40,7	20,4	65,6	51,3	51,6	77,4	-36,3	-20,6
Ferro fundido bruto nao ligado	76,9	47,9	13,9	2,7	34,4	9,2	48,4	22,6	14,3	28,6
Minerios de ferro nao aglom. e seus conc	0,0	0,0	45,3	76,9	-	-	-	-	-	-
<b>Complexo Alumínio</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>	<b>-9,8</b>	<b>4,5</b>
Alumina calcinada	32,0	76,8	60,4	92,4	79,0	96,6	81,8	97,0	-6,6	5,0
Alumínio nao ligado em forma bruta	51,3	18,3	29,9	5,8	18,8	3,1	16,9	2,8	-19,3	-5,6
Ligas de alumínio em forma bruta	16,7	4,8	9,7	1,7	2,2	0,3	1,4	0,2	-43,5	-32,7

Fonte: MIC

Dentro do complexo alumínio, é importante ressaltar o aumento da participação relativa da alumina calcinada e o efeito disso sobre o quantum exportado. Em 2009, sua participação foi de 76,8% passando para 97,0% em 2012. Por ter menor valor agregado que os outros produtos do Complexo (*Alumínio não ligado em forma bruta* e *Ligas de Alumínio em forma bruta*), o crescimento verificado em 2012 na quantidade exportada (+5,0%) não é acompanhado por crescimento na receita (-6,6%).

Em termos de receita total de exportações, houve queda de -0,7% em 2012 na comparação com 2011. Tal resultado poderia ter sido pior se as reduções no Complexo Ferro (-18,9%) e no Complexo Alumínio (-9,8%) não fossem amenizadas pela elevação no complexo soja (+31,2%), resultado da cotação mais alta deste produto no mercado internacional – situação que não deve se manter em 2013.

**Gráfico 18 – Composição das Exportações Maranhenses**



Fonte: MDIC

Nesse cenário, o complexo soja ganhou mais espaço na pauta exportadora em detrimento dos complexos ferro e alumínio. Importante ressaltar a exportação de ouro em barras, que pulou de US\$ 66,3 milhões em 2011, para US\$ 124,6 milhões em 2012, crescimento de +87,8%.

**Tabela 12 – Pauta de Exportação Maranhense por destino, de 2005 a 2012 (Total em US\$ mi e Participação no Total em %)**

A Tabela 12 revela a redução da participação dos EUA e dos Países Baixos na pauta de exportação do estado. No sentido contrário, a China ganhou espaço, movimento que foi parcialmente interrompido em 2011, mas que parece ter sido retomado ano passado, especialmente com o maior volume de soja importado daquele país.

Previsões animadoras dão conta de que haverá reaquecimento na demanda chinesa por aço, o que poderá elevar ainda mais sua participação na pauta em 2013.

Ano	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012
<b>Total</b>	<b>1.501</b>	<b>1.713</b>	<b>2.177</b>	<b>2.836</b>	<b>1.233</b>	<b>2.920</b>	<b>3.047</b>	<b>3.025</b>
	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
1 EUA	29,8	27,3	22,6	27,2	23,6	8,6	14,8	15,4
2 China	13,4	13,3	15,2	16,8	16,7	18,4	11,2	13,0
3 Islândia	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	4,8	5,3	8,0
4 Espanha	5,8	7,2	5,0	7,1	5,6	7,8	7,5	7,7
5 Canadá	3,1	2,3	0,3	0,5	3,5	4,6	7,8	5,4
6 Noruega	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,7	4,9	4,8
7 Reino Unido	1,1	0,1	1,1	1,2	0,0	1,8	2,2	3,8
8 Áustria	1,8	2,1	2,7	2,2	2,8	4,2	6,0	3,6
9 Itália	5,0	1,8	2,1	2,0	1,0	5,9	4,4	2,9
10 PNA <sup>1</sup>	0,6	0,5	0,7	0,6	1,3	0,7	1,6	2,7
11 Coreia do Sul	0,0	0,0	0,0	1,3	0,5	2,9	5,2	2,4
12 Japão	1,6	2,1	5,1	7,1	1,6	13,7	8,8	2,4
13 Países Baixos	13,3	13,9	14,2	9,2	9,8	4,0	2,6	2,1
14 França	0,7	0,4	1,4	1,6	1,9	1,7	0,8	2,1
15 Demais Países	23,9	29,0	29,5	23,1	31,8	20,1	17,3	23,8
<b>Por Continentes</b>								
1 Europa	35,5	38,9	42,5	34,1	37,6	36,9	37,6	38,6
2 América do Norte	32,9	29,6	23,0	27,8	27,1	13,2	22,5	20,8
3 Outros	12,0	9,0	6,1	8,6	10,1	11,9	6,3	18,9
4 Ásia	16,1	16,5	21,1	24,2	19,8	33,3	20,9	18,0
5 América do Sul	3,5	6,0	7,4	5,4	5,5	4,7	6,3	3,8

Fonte: MDIC <sup>1</sup>Provisão de Navios e Aeronaves

**Tabela 13 – Importações maranhenses por origem, de 2005 a 2012 (Total em US\$ mi e Participação no Total em %)**

Ano	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012
<b>Total</b>	<b>1.157</b>	<b>1.726</b>	<b>2.353</b>	<b>4.103</b>	<b>1.994</b>	<b>3.816</b>	<b>6.281</b>	<b>7.060</b>
	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
1 EUA	16,9	17,6	11,8	18,3	14,5	36,6	33,4	32,8
2 Índia	41,2	28,4	22,7	24,1	21,6	17,4	24,1	18,1
3 Holanda	0,2	2,8	6,7	3,7	2,4	5,2	7,4	13,0
4 Kuwait	2,7	2,0	2,4	3,6	3,1	0,9	2,1	6,1
5 Antilhas	-	-	-	-	-	-	3,6	4,9
6 China	0,6	0,8	1,8	0,1	1,2	1,0	0,6	4,4
7 Coreia Do Sul	-	3,0	-	3,0	10,1	10,1	6,3	4,1
8 Taiwan	0,3	0,3	2,1	0,3	0,7	2,6	3,4	3,1
9 Reino Unido	-	-	2,6	2,0	6,1	2,7	0,1	1,2
10 Argentina	-	-	0,6	0,5	2,9	0,7	1,5	1,0
11 Outros	31,2	34,8	44,0	36,7	34,0	18,9	17,6	11,4

Fonte: MDIC

A Tabela 13 indica que houve grande modificação quanto à origem das importações maranhenses, relacionada à diversificação de produtos importados. De um lado, EUA e Índia trocaram de posição no período. De outro, países que em 2005 não tinham relevância na pauta de importação do estado, como a Holanda e alguns asiáticos (China, Coreia do Sul e Taiwan), ganharam importância.

A Tabela 14 mostra as importações maranhenses por categorias de produtos. Em 2012, os bens de capital somaram US\$ 492,6 milhões, crescimento expressivo, de +270,2%, em relação a 2011. Alguns produtos incluídos nessa categoria não apareceram ou não tiveram relevância em 2011 na pauta de importação do estado. São os casos de Turbinas a Vapor (US\$ 170,8 milhões), Caldeiras (US\$ 71,5 milhões) e Geradores de Corrente Alternada (US\$ 24,5 milhões em 2012 contra US\$ 424 mil em 2011). Tais produtos foram importados para possibilitar a entrada em operação da UTE Itaqui.

**Tabela 14 - Evolução da Pauta de Importações do Estado do Maranhão dos Anos 2010 a 2012 (Composição em US\$ Milhões e Crescimento em %)**

CATEGORIA	2009		2010		2011		2012		Cresc 12/11
	US\$	%	US\$	%	US\$	%	US\$	%	
<b>Total</b>	<b>1.993,7</b>	<b>100,0</b>	<b>3.817,1</b>	<b>100,0</b>	<b>6.281,4</b>	<b>100,0</b>	<b>7.060,4</b>	<b>100,0</b>	<b>12,4</b>
<b>Bens de Capital</b>	<b>274,3</b>	<b>13,8</b>	<b>137,7</b>	<b>3,6</b>	<b>133,1</b>	<b>2,1</b>	<b>492,6</b>	<b>7,0</b>	<b>270,2</b>
Bens de Capital (Exc. Equip.de Transp. Uso Ind.)	215,4	10,8	90,5	2,4	68,4	1,1	411,6	5,8	501,5
Equipamentos de Transp. de Uso Ind.	58,9	3,0	47,1	1,2	64,7	1,0	81,1	1,1	25,4
<b>Bens Intermediários</b>	<b>366,1</b>	<b>18,4</b>	<b>402,3</b>	<b>10,5</b>	<b>651,3</b>	<b>10,4</b>	<b>751,3</b>	<b>10,6</b>	<b>15,4</b>
Alimentos e Bebidas Destinados à	26,0	1,3	25,9	0,7	36,8	0,6	26,5	0,4	-28,1
Insumos Industriais	335,8	16,8	370,2	9,7	591,3	9,4	711,5	10,1	20,3
Pecas e Acess. Equip. de Transporte	4,4	0,2	5,3	0,1	23,0	0,4	13,3	0,2	-42,2
Bens Diversos	-	-	1,0	0,0	-	0,0	-	-	-
<b>Bens de Consumo</b>	<b>32,9</b>	<b>1,7</b>	<b>69,3</b>	<b>1,8</b>	<b>71,8</b>	<b>1,1</b>	<b>69,5</b>	<b>1,0</b>	<b>-3,3</b>
Bens de Consumo Duráveis	1,5	0,1	0,5	0,0	1,6	0,0	2,5	0,0	52,8
Bens de Consumo Não Duráveis	31,4	1,6	68,8	1,8	70,2	1,1	67,0	0,9	-4,6
<b>Combustíveis e Lubrificantes</b>	<b>1.320,5</b>	<b>66,2</b>	<b>3.207,9</b>	<b>84,0</b>	<b>5.425,2</b>	<b>86,4</b>	<b>5.747,0</b>	<b>81,4</b>	<b>5,9</b>

Fonte: MDIC

O item *Combustível e Lubrificante* tem impacto direto no crescimento das importações do estado, haja vista que representa 81,4% da pauta. Em 2012 registrou US\$ 5,7 bilhões, crescimento de 5,9% em relação a 2011. A importação de *Bens Intermediários* somou US\$ 751,3 milhões, crescimento de 15,4% em relação ao ano anterior. *Bens de Consumo* (US\$ 69,5 milhões) foi a única categoria que registrou queda (-3,3%).

## Mercado de Trabalho

### O saldo de contratações no Estado registra recuo de 52,0% em 2012

A **Tabela 15** mostra a evolução do saldo de contratações celetistas do estado e o estoque de trabalho, contendo a abertura por subsetores de atividade, nos anos de 2011 e 2012. Verifica-se que houve no Maranhão a geração de 13,7 mil novos postos de trabalho formal em 2012, sendo o setor de Serviços (+10,4 mil) mais uma vez o carro chefe de contratações, assim como ocorrera no ano anterior. Dentro desse setor, as atividades de *Alimentação e Alojamentos* (+3,6 mil), *Comércio e administração de imóveis e valores mobiliários* (+3,0 mil) e de *Transportes e Comunicações* (+1,3 mil) assumiram posição de destaque. Em relação a 2011, porém, o setor de *Serviços* apresentou recuo de -7,9% na geração de empregos formais.

O setor de *Comércio* foi o segundo setor que mais contratou em 2012 (+8,0 mil), mas em relação a 2011, apresentou recuo de -10,4%. O comércio atacadista (+1,6 mil) registrou crescimento de +11,1% em relação ao ano anterior, enquanto que o Comércio Varejista (+6,4 mil) teve redução de -14,6%.

Quanto à Construção Civil, os números não foram bons; em 2011, o setor obteve saldo de +695 contratações formais. Em 2012, o saldo foi negativo (-4,9 mil).

A Indústria de Transformação ainda sente os efeitos da crise internacional. O saldo foi positivo (+508) em 2012, mas em relação ao ano anterior, o recuo na geração de postos de empregos formais foi de -78,7% (em 2011 o saldo foi de +2,3 mil contratações). A Indústria Metalúrgica, que responde por grande parte de nossa pauta de exportação, gerou +387 novos postos de trabalho em 2012, mas apresentou um recuo de -57,6% na comparação com 2011. Destaque negativo também para a *Indústria Química* que registrou decréscimo de -341,4% nas contratações em relação a 2011.

O ano de 2012 foi de acentuada desaceleração na geração de empregos formais no Maranhão. Nos primeiros seis meses de 2012, o saldo foi de +9,2 mil postos de trabalho formal, contra +10,2 mil nos primeiros seis meses de 2011 (recuo de -9,8%).

**Tabela 15 - Mercado de Trabalho Formal no Maranhão Segundo Subsetores de Atividade - 2010 a 2012 (Série CAGED Ajustado)**

Subsetores de atividade	Estoque (RAIS) 2011	Geração de Empregos			
		2011	2012	Variação Absoluta	Cresc. (%)
<b>Extrativa mineral</b>	<b>1.859</b>	<b>68</b>	<b>197</b>	<b>129</b>	<b>189,7</b>
<b>Indústria de Transformação</b>	<b>38.472</b>	<b>2.382</b>	<b>508</b>	<b>-1.874</b>	<b>-78,7</b>
Ind. de prod. minerais não	7.830	566	293	-273	-48,2
Ind. metalúrgica	6.032	912	387	-525	-57,6
Ind. química de prod.farm.,	5.857	249	-601	-850	-341,4
Ind. de alimentos e	9.303	471	366	-105	-22,3
Outras Indústrias	9.450	184	63	-121	-65,8
<b>S.I.U.P.</b>	<b>6.577</b>	<b>182</b>	<b>-340</b>	<b>-522</b>	<b>-286,8</b>
<b>Construção civil</b>	<b>60.863</b>	<b>695</b>	<b>-4.987</b>	<b>-5.682</b>	<b>-817,6</b>
<b>Comércio</b>	<b>127.083</b>	<b>9.006</b>	<b>8.070</b>	<b>-936</b>	<b>-10,4</b>
Comércio varejista	105.228	7.527	6.427	-1.100	-14,6
Comércio atacadista	21.855	1.479	1.643	164	11,1
<b>Serviços</b>	<b>150.972</b>	<b>11.334</b>	<b>10.441</b>	<b>-893</b>	<b>-7,9</b>
Inst. de crédito, seguros e	6.692	866	73	-793	-91,6
Com. e adm. de imóveis,	6.627	4.107	3.091	-1.016	-24,7
Transportes e	48.114	2.214	1.295	-919	-41,5
Alojamento, alimentação,	27.334	1.389	3.610	2.221	159,9
Serv. médicos,	44.060	1.637	1.264	-373	-22,8
Ensino	18.145	1.121	1.108	-13	-1,2
<b>Administração pública</b>	<b>259.342</b>	<b>424</b>	<b>388</b>	<b>-36</b>	<b>-8,5</b>
<b>Agropecuária</b>	<b>19.731</b>	<b>4.472</b>	<b>-567</b>	<b>-5.039</b>	<b>-112,7</b>
<b>Total</b>	<b>675.274</b>	<b>28.563</b>	<b>13.710</b>	<b>-14.853</b>	<b>-52,0</b>

Fonte: MTE

A Tabela 16 apresenta a geração de empregos nos municípios maranhenses por subsetor. Cinco municípios destacaram-se entre os que mais geraram empregos no estado: Imperatriz, São Luís, São José de Ribamar, Balsas e Açailândia.

O município de Imperatriz foi o primeiro colocado no que se refere à geração de empregos formais em 2012, com +5,5 mil empregos líquidos distribuídos entre os setores de Construção Civil (+2,2 mil), Comércio (+1,4 mil) e Serviços (+1,4 mil). O vigoroso desempenho do setor da Construção Civil no segundo maior município do estado foi impulsionado pela construção de um shopping Center pelo Grupo Franere.

Os municípios de São Luís (+3,6 mil), São José de Ribamar (+2,2 mil), Balsas (+2,0 mil) e Açailândia (+1,9 mil) vieram em seguida, com saldo acima de 1.000 contratações. Na capital, os destaques foram para o setor de Serviços (+6,2 mil) e o de Comércio (+2,7 mil). Por outro lado, a Construção Civil (-5,4 mil) registrou mais demissões do que contratações na capital. Em São José de Ribamar e em Balsas, o setor de Serviços liderou as contratações (1,3 mil e 1,0 mil, respectivamente). Em Açailândia, destacaram-se a Agropecuária (+756) e a Indústria de Transformação (+557).

No outro extremo da Tabela 14, constam os municípios com maiores saldos negativos. Os três maiores foram: Estreito (-1,7 mil), Bacabeira (-930) e Aldeias Altas (-822). Em Estreito, houve a forte contribuição da desmobilização de trabalhadores na obra da usina hidrelétrica (-1,7 mil), entregue pela presidente Dilma Roussef em outubro/2012. Em Bacabeira, a confirmação por parte da PETROBRAS que a Refinaria Premium será entregue com atraso em relação ao prazo previamente estipulado arrefeceu o setor da Construção Civil (-1,0 mil).

**Tabela 16 - Mercado de Trabalho Formal Maranhense por Município, segundo Setores de Atividade - 10 Maiores e 10 Menores Saldos de Contratação em 2012 (CAGED com Ajustes)**

ORDEM	Município	Extrativa Mineral	Ind de Transformação	SIUP <sup>1</sup>	Constr Civil	Comércio	Serviços	Adm Pública	Agropecuária	Total
	<b>MARANHÃO</b>	<b>197</b>	<b>508</b>	<b>-340</b>	<b>-4.987</b>	<b>8.070</b>	<b>10.441</b>	<b>388</b>	<b>-567</b>	<b>13.710</b>
1	Imperatriz	1	103	18	2.255	1.444	1.386	416	-63	5.560
2	Sao Luis	-5	101	-144	-5.411	2.775	6.267	62	10	3.655
3	Sao Jose de Ribamar	1	-11	-170	359	672	1.357	0	-3	2.205
4	Balsas	-8	138	-2	163	543	1.016	0	196	2.046
5	Acailandia	0	557	2	431	73	147	0	756	1.966
6	Santo Antonio dos Lopes	0	1	63	634	10	53	0	1	762
7	Caxias	6	1	-4	509	89	168	0	-27	742
8	Itapecuru Mirim	0	82	0	117	264	4	0	17	484
9	Presidente Dutra	0	-8	4	83	77	37	0	74	267
10	Bacabal	0	-13	6	-111	208	165	0	-26	229
208	Urbano Santos	0	1	0	0	-23	2	0	-213	-233
209	Centro Novo do Maranhao	-33	-21	0	-267	5	1	0	-18	-333
210	Paco do Lumiar	0	77	-1	-268	72	-275	0	14	-381
211	Grajau	3	36	1	-13	38	-25	0	-434	-394
212	Santa Luzia	0	-1	0	-440	29	-5	0	-17	-434
213	Vitoria do Mearim	0	37	0	-568	4	3	-1	1	-524
214	Montes Altos	0	0	0	0	3	-553	0	2	-548
215	Aldeias Altas	0	-817	0	0	7	-11	0	-1	-822
216	Bacabeira	70	-50	0	-1.026	105	-28	0	-1	-930
217	Estreito	1	-94	-31	-1.697	90	4	-1	-11	-1.739

Fonte: MTE 'Serviços Industriais de Utilidade Pública

**GOVERNO DO ESTADO DO MARANHÃO**  
**SECRETARIA DE ESTADO DO PLANEJAMENTO, ORÇAMENTO E GESTÃO**  
**INSTITUTO MARANHENSE DE ESTUDOS SOCIOECONÔMICOS E CARTOGRAFICOS**

**GOVERNADORA DO ESTADO DO MARANHÃO**  
Roseana Samey

**SECRETÁRIO DE ESTADO DO PLANEJAMENTO, ORÇAMENTO E GESTÃO**  
João Bernardo Bringel

**PRESIDENTE**  
Fernando José Pinto Barreto

**DIRETOR DE ESTUDOS E PESQUISAS**  
Sadick Nahuz Neto

**COORDENAÇÃO**  
Felipe de Holanda

**ELABORAÇÃO**  
Felipe de Holanda  
Talita Nascimento  
Daniele Amorim  
Vicente Anchieta  
Wiron Boga

**EDITORAÇÃO**  
Talita Nascimento  
Daniele Amorim